

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
Nº 1252
Data 16/03/74

Amor e Desventuras

POR

ORMA
869.91
M.435a

Maria Christina Alves d'Oliveira
Azeite Mattos.




Maranhão--1899

Typ. de Ramos d'Almeida & C. Suocs

T 3119
C 31195

ERRATA

- Pag. 10—3.^o verso da 3.^a quadra. Onde se lê—o guie—
leia-se—os guie.
- Pag. 14—4.^o verso da 3.^a oitava. Onde se lê—encantos
—leia-se—encanto.
- Pag. 41—2.^o verso da 3.^a quadra. Onde se lê—este meu
—leia-se—o meu.
- Pag. 48—3.^o verso da 1.^a quadra. Onde se lê—é o amor
—leia-se—é amor.
- Pag. 74—4.^o verso da 1.^a oitava. Onde se lê—A' mãe—
leia-se—Da mãe.
- Pag. 79—Dedicatoria. Onde se lê—Amador—leia-se—
Musicographo.
- Pag. 85—Data. Onde se lê—1876—leia-se—1896.
- Pag. 108—3.^o verso da 4.^a estrophe. Onde se lê—antes
—leia-se—ante.
- Pag. 117—4.^o verso da 3.^a oitava. Onde se lê—ficava—
leia-se—ficara.
- Pag. 172—4.^o verso da 1.^a estrophe. Onde se lê—agora
—supprima-se.
- Pag. 172—2.^o verso da 2.^a estrophe. Onde se lê—que
tem—leia-se—que ha.



AMOR E DESVENTURAS

SERVINDO DE PROLOGO


Amaveis leitores.

Publico meus versos, fructos singellos d'um es-
rito pobre e inculto, despido das louçanias litterarias
e tanto reconhecendo a composição d'esta especie, con-
ta de estar isenta da justa critica a que me sujeitaria
se o fizesse com o fim de alcançar e que não me julgo
merecedora.

Contando com a benevolencia dos que me lerem,
dedico meus versos á memoria dos entes mais caros da
minha vida, e a meus verdadeiros amigos.

Maranhão, 28 de Maio de 1899.

A auctora.



Hymno á N. Senhora

Salve Maria formosa
Por anjos ao céo levada,
E por todos adorada
Seja a Mãi do Redemptor !
Salve o anjo de candura,
O exemplo de ternura,
Qu'adoça a nossa amargura
E nos dá conforto á dôr !

Neste teu mez glorioso
Tudo luz, tudo é grandeza,
Té a propria natureza,
Com flores te vem saudar.
Os anjos na eternidade
Contentes entoam hymnos,
E os seus cantos divinos
Fazem teu seio pulsar.

A terra te pede chuva,
A planta pede calor,
Os passarinhos amor,
O mar te pede bonança,
Tudo em ti tem confiança:
E se o afflicto padece,
Ao céo te envia uma prece:
Tu és a sua esperanza.

Os astros enlaçados te formaram
Uma corda de luz !
Desta vida em extase contemplamos
Seu brilho que seduz !

Estende sobre mim o casto manto
Que te envolve no céo,
E deixa que de leve eu loque ao menos
A ponta do teu véo.

Volve, Maria Santa, esses teus olhos
De doçura e bondade,
A misera creatura que te implora
A tua piedade.

E com o nectar adoça, Santa Virgem,
Os seus dias de fel,
Pois ella p'ra viver d'elle carece
Como abelha do mel.

Maranhão, Maio—1897.



Deos !

Teu nome santo, poderoso, immenso,
Em tudo está escripto !
Na flor, na relva, no cypreste esguio,
No livro do proscripto !

O mar, a onda, o vendaval que passa,
Teu nome ouço dizer !
E o trovão que percorre a immensidade
Revela o teu poder !

No cume da montanha onde o condor
Fabrica o ninho seu,
Lá onde esconde a presa á aguia altiva,
Se encontra o nome teu !

No fundo da cratera fumegante,
Nesse abysmo horroroso,
Lá mesmo escripto está sempre inmutavel
Teu nome poderoso !

Da terra tu fizeste germinar
A natureza em flor !
Tão grande, tão sublime é tua obra
Quanto é teu amor !!!

Que direi eu, Senhor, para exaltar
A tua perfeição,
Se tudo quanto existe a ti só deve
O ser, a criação !!

Pará, Junho 88.



MEUS VERSOS

Meus versos, são como a noite,
Pelo dia a suspirar,
São como a vaga queixosa
Que vem na praia chorar.

São como o tristonho canto
Da saudosa jurity;
Recordação e saudades
De tudo quanto frui...

Meus versos, são como o sonho
D'um enfermo moribundo;
São como a pedra lançada
No antro do mar profundo.

São como a rude cantiga
Qu'inspirava a escravidão;
Como saudosos suspiros
Que se perdem n'amplidão.

Meus versos, são como a flamma
D'uma luz que se apagou;
São como as folhas dispersas
Qu'o vendaval espalhou.

São como o pranto sentido,
Da mãe que perde o filhinho;
Como os gemidos que solta
Na gaiola o passarinho.

Meus versos, são como a lyra,
Cujas cordas vão quebrando;
São como o canto do nauta
Que vai a patria deixando.

São como o dobre do sino,
Pelo morto a soluçar;

Como o naufrago no oceano,
Sem poder terra alcançar.

Meus versos, são como a nuvem
Que se esvae no firmamento:
Como o pobre peregrino
Que a noite passa ao relento.

São como a arvore despida
Da verde côma que tinha;
São como o fructo mirrado,
Como a flor que se definha.

Meus versos, são como o grito
Que o echo não respondeu;
São como a canção do bardo
Que no espaço se perdeu.

São como a planta sem seiva,
Como a flor sem ter perfume:
Como a relva sem orvalho
E como amor sem ciúme.

Meus versos, são como o choro
De criança abandonada;
Como o gemido da rôla,
Do esposo separada.

São como estrella sem norte,
Como um jardim sem fachada:
Como prado sem boninas,
Como noiva sem grinalda.

Meus versos, são os acordes
D'uma alma apaixonada,
Nasceram d'uma memoria
Que nunca foi cultivada.

São como o brando perfume
Que cedo perde o olôr:

Tudo quanto elles exprimem
Só para mim tem valôr.

Meus versos, guardam segredos
Que commigo hão de morrer;
Segredos que amor encerra
Oh ! não, não devo dizer...

E como o pobre proscripto
Meus versos vagando vão;
Sem luz que na treva o guie
Sem ter quem lhes dê a mão.

Maranhão, Março 1897.



MINHA TERRA

Vou cantar a minha terra
Porque lhe tenho afeição;
Seja rude embora o canto,
E' a voz do coração.

Bem como Gonçalves Dias
Decanta as lindas palmeiras,
Eu tambem de minha terra
Decantarei ás mangueiras,

Como a mangueira é formosa
Com sua dourada côma,

Quando garbosa se enfeita
Com flores de fino aroma !

Como são bellos seus fructos
D'ouro tendo a linda côr !
Quem os provando não diz
Que deleita o seu sabor ! ?

Se o cançado viajante
Avistar uma mangueira,
Tem certa a sua pouzada
Nessa sombra hospitaleira.

Casemiro tambem canta
A' nossa terra querida,
E se n'ella eu não vivesse
Não teria amor a vida.

Tudo aqui tem poesia,
Aqui tudo sabe amar:
Nossas ternas avesinhas
Dizem amor no seu trinar.

Aqui ás flores vicejam
Dentro de toda estação:
Nosso sol é mais ardente,
Dá mais vida ao coração.

Maranhão, Janeiro de 1894.



Ao despontar

Por entre ás brumas do horizonte vejo
Radiante vir surgindo o astro rei,
Expargindo o clarão que inunda o mundo
De luz brilhante que a fitar fiquei.

Do mar ás vagas vem trazendo em rojo
A branca espuma de frescor divino;
Lindo collar de perolas que adornam
Da limpida praia o collo alabastrino.

Por toda parte escuto vozes, cantos
Annunciarem o dia que começa;
Só na minh'alma a noite nunca finda
Não encontra uma luz á treva espessa.

Maranhão, Setembro de 1895.

Pesadelo

Ruge o trovão, sibila forte o vento
E de luto se veste a immensidade !
A terra denuncia a tempestade
Que em rojo vai cair do firmamento !

Que pavor me cerca neste instante !
Nem um raio de luz vejo no Céu !
Apenas d'entre o espesso, negro véo
O relampago surge scintillante !

.....
De joelhos, Senhor, eis-me prostrada,
Sem voz, sem pranto qu'afflicção metigue !
Oh ! a colera do Céu não me castigue,
Porque, meu Deus, já sou desventurada.

Maranhão, Janeiro de 1898.

A' primavera

Tudo sorri ! Alegre a passarada
Solta gorgeio que traduz amor,
E a natureza inteira aprimorada
Com seus rebentos d'esmeraldina côr.

Em toda parte vê-se fructos, flores
Cheias de graças e perfumes mil,
Mostrando a todos um sorrir de amores
Beijos pedindo ao colibri subtil.

A terra hervinha que o calor murchara
A primavera vem trazer vigor,
Do orvalho às gottas qu'o Senhor mandara
São puros beijos de infinito amor.

Tudo sorri, e a pobre humanidade
Nesta doce illusão ri-se tambem,
Fatal engano, atroz realidade
Qu'a tua primavera não mais vem.

Maranhão, Janeiro de 1898.



PARÁ

Belém, formosa Belém,
Soberana do Brazil,
A's tuas riquezas mil
O estrangeiro admira;
E esse ar que se respira,
No teu clima abrazador,
Faz sentir no peito amor
Pelo teu céu de saphira,

A's tuas dunas formosas,
Os teus rios caudalosos,
Os teus prados tão relvosos
Por todos são invejados !
Sempre de flores juncados
Teus terrenos nemorosos
Offerecem ternos gosos
Aos mais gentis namorados.

O teu sol é sempre torrido
Mas também tens noites frigidias;
A's tuas mattas são vividas
Cheias de encantos e primores;
E entre os perfumes das flores,
Nas leves rêdes de pennas
A's tuas filhas morenas
Sonham seus castos amores.

Quando o sol vai se escondendo
Por traz das tuas collinas,
Sente inspirações divinas
Quem contempla o panorama;
O peito de amor se inflamma,
A alma em goso extasia:
Vem aos lábios a poesia
Que rainha te proclama !

A's vezes quando medito
Na tua excelsa grandeza,
Ergo um brado á natureza
Que tanto esmerou-se em ti:
Quizera mesmo d'aqui
Co'uma penna abrilhantada,
Em linguagem aprimorada,
Descrever tudo que vi.

Maranhão, Agosto de 1895.



A' Pernambuco

Vivi por algum tempo adormecida
Na plaga em que nasci...
Convidou-me a seguil-o meu esposo,
E Pernambuco eu vi.

Alli nessa Veneza Brasileira
Meu peito se expandio;
Contemplando essa terra luminosa,
A' minh'alma sorrio.

Foi o tempo feliz da minha vida
O que lá eu passei:
Com saudades recordo os bellos dias
Que lá eu desfructei.

Cinco annos vivi entre os perfumes
De suas lindas flores,
Corri seus arredores, tudo vi
Dessa terra de amores !

V, do Rosario, Fevereiro 84. E. Maranhão.

A' pittoresca Parahyba do Norte

Oh ! bella Parahyba de ti tenho
Saudades bem pungentes !
Que bons que são teus filhos, como gozam
Folguedos innocentes...

Em ti não ha riqueza, nem vaidade;
Realça a singeleza:
E's noiva que a grinalda te offerece
A propria natureza.

E's nympha que se banha descuidada
Nas aguas crystallinas
Do formoso regato que reflecte
Suas formas divinas.

Aqui, do meu torrão, eu te saúdo
E teu porvir bemdigo !
Teus filhos hão de ver-te resplendente,
Sem carecer de abrigo.

Maranhão, Janeiro de 1884.



DESPEDIDA

A' meu idolatrado Pae.

Adeus, meu caro Pae, meu bom Amigo,
Bem eu quizera aqui junto commigo
 Tod'a vida passasse,
Mas o fado cruel contrario ordenna;
Tua filha vai soffrer tão grande pena,
 Qu'em breve hade finir-se.

Depois de longos annos de saudade,
Permittio o bom Deos de piedade,
 Que te visse e abraçasse;
Tão feliz me julgava, e tão contente,
Não contava qu'a sorte falsamente
 Mentisse e m'enganasse!

Mas para mim não ha felicidade,
Meu peito vive cheio de saudade,
 Minh'alma vive afflicta;
A's horas passo muda e sempre triste,
Não sei como meu ser inda reziste
 A' dôr desta desdita!

Maranhão, Novembro 1894.



A' meus filhos

Quando eu morrer, meus filhos adorados,
Não levem ao desespero a vossa dôr:
Conservai-vos unidos, abraçados,
 Em paga deste amor!

Justo é que pranteiem a minha morte,
Nem pódera deixar de ser assim,
Mas quem aqui não teve boa sorte,
Não lamentem sem fim.

Como vos amo amai os filhos vossos
Deste amor a ternura conservai,
Por esses entes não poupeis esforços
Meu exemplo imitai.

Maranhão, Setembro 1898.



Recordação

*A' memoria de meu irmão, Alvaro Alves d'Oliveira
Azedo.*

Tenho saudades do tempo
Que eu passava no terreiro,
A' sombra do cajueiro,
Ao lado de meu irmão:
Nada alli me perturbava...
Oh! que delicias gosava
Como feliz era então!

Tenho saudades das tardes
Que com meu irmão eu ia,
Elle a servir-me de guia,
Até á matta frondosa:

Lá entre a espessa folhagem,
Gosando da fresca aragem,
Eu me julgava ditosa.

Tenho saudades sem conta
Da fazenda de meu Pae:
Ao lebral-a solto um ai,
Que me vem do coração;
Das noites, quando na eira,
Em torno d'uma fogueira,
Brincava com meu irmão.

Tenho saudades dos dias
Que ia com meu irmão
Colher a flor do sertão,
Que nasce sem ter cultura.
Como minh'alma contente,
Desse folguedo innocente,
Vinha ebria de ventura.

Tenho saudades das horas
Que ia sem ter receio,
Com meu irmão a passeio,
Fizesse calor ou frio,
Na canoinha ligeira
Que, atada á engazeira,
Nos esperava no rio.

Que é feito desse tempo,
Desse viver tão ditoso,
Que tantas horas de goso
Trazia-me ao coração ? !
Onde está essa alegria ?
Occulta na louza fria
Onde jaz o meu irmão.

Maranhão, Março 1886.



A' TI.

Meu prestimoso amigo e compadre, Antonio Alberto de Silva.

Todos os risos que soltei na infancia,
Da minha juventude a linda flôr,
E os fructos que colhi d'um puro amor:
A' ti consagro-os cheios de fragancia.

Meu doce sonho carminado, santo,
Que vi prostrado pela mão da sorte;
Tudo quanto apagar só pôde a morte.
A' ti consagro neste humilde canto.

A' ti, que reviveste de minh'alma,
A's murchas flores sem perfume embora.
A' ti que tudo devo, porque fôra
Quem dera a esta existencia a doce calma.

Maranhão, Março 1898.

No album do meu joven amigo,

José Gomes de Castro.

A' mocidade é como a primavera
Que alegre o prado e suavisa a flor.
Tudo na quadra dos primeiros annos
Se mostra bello, tudo diz amor!

Qual a florzinha, que matiza os campos,
Do moço são os sonhos côr de rosa,
Festiva a natureza se lhe mostra,
Corre-lhe o tempo ameno e a vida venturosa.

Como o passaro que vai alegremente
Ao logar desejado sem demora,
Assim veloz do moço o pensamento
Mil chimeras abrange n'uma hora.

Na profundez do Céu vê um archanjo
De branca veste e labios de carmim,
E como a Santa Imagem de Maria
Adora essa vizão co'amor sem fim.

Que não passe ligeira a doce quadra
Da vossa primavera tão florida,
E que esse anjo que no Céu habita
Venha adoçar-vos para sempre a vida.

Maranhão, Maio 1897.

A' Coelho Netto

Os preitos, ovações que os Maranhenses
Te têm cingido os pés, entre mil flores,
Se vão juntar aos hymnos e louvores
Com que certo te esperão os Caxienses.

Feliz do que regressa ao patrio ninho,
Tendo a fronte de louros enfeitada,
E luz vem derramando pela estrada,
Como o canto soltando o passarinho !

Tanta gloria te cabe... um povo inteiro
Te saúda com vivo enthusiasmo,
Oh ! filho deste solo Brasileiro !

Saudosos vão ficando os corações,
Onde se aninha o sentimento—pasmado,
Ante às tuas sublimes Creações.

Maranhão, Junho 99.

AO MEU DIGNO AMIGO,

Agostinho Pereira Reis,

em resposta a um eloquente soneto que teve a gentileza de offerecer-me.

Como seguir, Senhor, sempre vivendo
Sem luz que me esclareça o entendimento ?
Da ignorancia em trevas vou morrendo,
Libando o fél da taça em desalento.

Como a planta que cresce sem cultura,
Cresceu-me esta paixão que sinto n'alma:
Com ella baixarei á sepultura,
Sem colher dos laureis a verde palma.

Seguir ! como seguir se a escuridade
Não me deixa trilhar pelo caminho
Que conduz o mortal á f'licidade ? !

Seguir ! Oh ! impossivel .. nem eu tento
Que a febre que em silencio me devora,
Meu estro faz morrer n'um soffrer lento.

Maranhão, Maio de 99.



Avant!

AO JOVEN E DISTINCTO POETA,

Leslie Nelson Tavares.

Não mergulheis, poeta, a vossa lyra
No tetrico oceano da descrença !
Sois moço, e a juventude só aspira
Da gloria os laureis, do Amor—a crença.

Nesta quadra gentil que ás lindas flores
Seus perfumes derramam com effusão,
Cantae: a primavera tem fulgores
Enlevos que arrebatam o coração !

O craneo juvenil não esmorece
Quando a luz do talento o fortalece,
Luz divina que o berço lhe outorgou !

Como a planta que a seiva enrobusteece,
Vosso bello talento já floresce.
Se descreu—só d'um sonho não passou.

Maranhão, Abril de 99.



MOTE

Não é defeito ser velho
Nos demonstra o coração,
A's vezes velho semblante
Inspira grande paixão.

GLOSA

Deus esse ser que adoramos
Mas que não pôdemos ver,
Nem mesmo comprehender
E de coração amamos,
Qu'acode aos nossos reclammos,
Acaso não será velho ? !
Não é elle o nosso espelho ?
Não tem sec'los infinitos
Que não pôdem ser descriptos ?...
«Não é defeito ser velho.»

Tu não vês reproduzir-se
Tôdas ás quadras passadas
E dessas leis tão sagradas
Todo o preceito seguir se ?
E o coração expandir-se
Em actos de devoção,
Rendendo veneração,
Respeitando a Divindade ?
Que tudo isto é verdade
«Nos demonstra o coração.»

Não vês a velha palmeira
Em serena madrugada,
Pelo vento balouçada
Mostrar-se sempre faceira,
Sempre altiva e sobranceira
Na floresta verdejante ?
Assim com riso incessante
Nos atrahindo attenção,
Prende e esmaga o coração
«A's vezes velho semblante.»

Quanto mais velha a floresta
Tanto mais rica é de flores,
Que desprendem seus odores
Quando a tardinha na sesta,
Parece haver uma festa
No meio da solidão !
A's flores bordando o chão !
Tudo alli falla de amores,
E aquelle bosque de flores
«Inspira grande paixão.»

Pará, Julho 1888.

Recitativo

A PEDIDO

Homem de gelo, coração de fera,
Cruel megera, que meu ser consome,
Porque desprezas quem te ama as fallas
E apunhalas quem te adora o nome ?

Não vês que morro de paixão cruenta,
Que me alimenta do martyrio a dôr:
Qu'o peito fragil não resiste o anseio
Que faz o seio palpar de amor ?

Oh ! Não, não ouves meu gemer constante
Nem um instante te commoves, não !
Fazes-te surdo ás suspirosas queixas,
Soffrendo deixas o meu coração.

Cruel, tyranno, deshumano, ingrato
Teu desacato té me causa dôr:
Quem não tem alma, coração no peito,
Morre n'um leito desprezado e só.

Maranhão, Fevereiro 1895.

Tudo me é indifferente.

Se o trovão rola no espaço
Annunciando a tormenta,
A minh'alma não lamenta
O mal que póde cauzar;
Se a onda vejo no mar
Rudemente encapellada,
Para mim tudo isso é nada
Em face do meu penar.

Se do cume da montanha
Vir descendo um cavalleiro,
E se no despenhadeiro
Se fôr enfim abysmar;
A mim é indifferente
A dôr do meu semelhante,
Pois minha dôr é constante
E maior o meu penar.

Se o filho lamenta a perda
Da mãe, que tanto queria,
Se a mãe chora noite e dia
Os filhos estremecidos;
Que m'importa seus gemidos ? !-
Tambem minha mãe perdi.
Nos meus braços morrer vi
Os meus filhinhos queridos.

Se a esposa chorar vejo
O consorte que morreu.
Se a irmã o irmão seu
Junto a mim vejo carpir;
Não posso dôr exprimir.
Pois muito tenho chorado
Por irmãos e esposo amado
Que deixaram de existir.

Se nas chammas, consumido,
Fôr o thezouro d'alguem.

Com desprezo, com desdem
Vejo a dôr que não é minha,
Pois nem se quer se avesinha
Do quanto tenho passado:
Eu também, por lei do fado,
Perdi tudo quanto tinha.

Maranhão, Novembro 1895.



Ainda ao meu digno admirador,

Leslie Nelson Cavates,

*Em agradecimento a sublime poesia que se dignou offer-
tar-me por intermedio da—Revista Elegante.*

Tu és jeune
Moi, je suis venille.

Tu és a planta que rebenta em flores,
Eu sou o arbusto desfolhado e triste;
Tu—o sorriso que provoca amores,
Eu um espectro que no mundo existe.

Tu és a aúrrora radiante e bella,
Eu sou a treva d'uma noite escura;
Tu vens surgindo qual brilhante estrella,
Eu vou seguindo para sepultura.

Tu és o passaro saltitante, altivo,
Que fende os ares sem sentir cansaço;
Eu sou o gamo que cahio eaptivo
E embalde tenta desfazer o laço.

Tu tens as plumas do condor formoso,
Eu traço a veste que orna o mocho triste;
Teu canto é alegre, ao coração traz goso,
O meu é lugubre, porque a dôr persiste.

Tem cordas d'ouro tua lyra fina,
A minha, rude já nem cordas tem;
Tua musa da te inspiração divina,
Da minha o canto vai perder-se além.

Assim, tuas galas despojar não venhas.
P'ra ornar com ellas um mesquinho vulto;
Meu pobre estro, que a exaltar te empenhas,
Vem, humilhado, te render um culto.

Maranhão, Maio de 99.



A' alguém

Inda mesmo em miseria extrema posta,
- Pelo inimigo fado apouquentada,
Da face tendo a côr já desbotada,
Nunca bater irei a tua porta.

E por mais cruas magoas que padeça,
Vivendo embora na espessura brava,
Essa mesma que antes se humilhava,
Ao passar junto a ti ergue a cabeça.

Inda que mil tormentos desmedidos
Eu passe pela tua crueldade,
Por Deos que tudo manda, a piedade
Não imploram de ti os meus gemidos.

Maranhão, Novembro 1894.

DESPEDIDA

*Ao meu presado compadre, Antonio Alberto da Silva,
por occasião de sua 5.ª viagem ao estrangeiro.*

O que te direi eu meu bom amigo,
Na hora da partida,
Se sabes que de dôr e de saudades
Minh'alma está sentida ?

Se sabes que em meu peito por ti pulsa
Um grato coração,
Que ausente embora estejas te conserva
A mór, dedicação !

Não podes duvidar do puro affecto
Na infancia gerado:
Duvidar do amor dos teus annos,
Seria até peccado.

Não é a prima vez qu'a sorte avessa
Nos tem já separado;
Mas intacto n'alma o mesmo affecto
Te hei sempre guardado.

E cada vez mais sinto no meu peito
Por ti grande affeição,
Cada vez que te vejo mais um elo
Me prende o coração.

Feliz me julgarei se 'ste meu pranto
Te pôder commover;
Se ao dizer-te um adeus triste e sentido,
Tambem te ver soffrer.

Maranhão, Abril de 1893.



Quem se quer, deseja ver-se
Toda hora, todo dia,
Não vendo quem se deseja
Do rosto foge a alegria.

Quando a pessoa querida
Não nos quer apparecer,
A's horas longas se tornam
Aborrece-nos o viver.

Quem deveras nos estima
Não se furta aos nossos olhos;
Busca a nossa companhia,
Embora por entre escolhos.

Maranhão, Novembro 1897.

**Ao meu nobre Amigo, o Ilustrado Capitão
Miguel Marques.**

Eu que leio, admirada,
Vossas bellas produções,
Essas mimosas canções
Da vossa lyra afinada
Vacillo em dar-vos um canto
Singelo, mas nobre e santo
Da minha musa encantada!

.....

Se vos desperto a saudade
Do bello tempo passado,
Não vos traga o desagrado

—Ter presente a mocidade.
Guardai, pois, como lembrança
Do meu tempo de criança
—Este penhor de amizade.

Maranhão, Julho 99.



DEVANEIO—(A pedido).

Se eu pódesse, senhor, passar meus dias
Junto a ti a ouvir-te a voz sonora,
Essa voz que me embriaga e me extasia,
Que o peito meu devora;

Se eu pódesse, senhor, viver contigo
Bem longe deste circo enganador;
Seria a creatura mais ditosa
Que fez o Creador.

Se eu pódesse, senhor, ser tua esposa,
Estreitar-te sem medo nos meus braços.
Quem do nosso hymeneo quebrara o elo
Rompera os doces laços ? !

Se tua esposa eu fosse quem pôdera
Fazer-me te faltar com a fé jurada ?
A jura que jámais quebrantaria,
Mesmo não sendo amada.

C. Monte -Alegre, Julho 1888. E. Pará.



*Resposta a uma amiga que per-
guntou-me onde nasci.*

Tive o berço entre a floresta,
Nasci n'um dia formoso
Em que sol mais luminoso
Vem a terra abrilhantar;
Mas a sorte malfadada,
No meu berço de açucenas,
Depoz um colchão de pennas,
De penas hei de acabar.

Dos meus extremosos paes
Cresci por entre os carinhos,
Com meus ternos irmãozinhos
Brincava pelo vergel,
Leda, risonha, contente,
Qual travesso beija-flôr
Que vda de flôr em flôr,
Sugando-lhe o doce mel.

Mas curto foi esse tempo
De tanta felicidade
Bem cedo a realidade
Mostrou o destino meu:
Dormi risonha, serena,
E despertei pensativa,
Tinha minh'alma captiva,
Foi amor quem me prendeu.

Deixei a casa paterna,
Rasguei os pés nos espinhos,
Ensanguentei os caminhos
Por onde amor me levou;
Coberta de pó da estrada,
Quasi morta de fadiga,
Rota qual uma mendiga,
E tudo amor pouco achou.

Hoje só resta a saudade
Da minha quadra infantil,
Dessa nuvem côr de anil
Que no Céu vi deslizar...
Do meu amor a memoria
Não se esvae do pensamento,
Recordal-o é um tormento,
Mas não o posso olvidar.

Maranhão, Outubro 1897.



Saudade

MOITE

Vem cá minha companheira,
Vem triste, mimosa flôr;
Se tens de saudade o nome,
Da saudade eu sinto a dôr.

(Ext.)

GLOSA

Saudade, flôr da minh'alma,
Minha amiga verdadeira,
Quero-te sempre a meu lado,
«Vem cá minha companheira.»

Do jardim em que vicejas,
Foje, foje, meu amor;
Viver a meu peito unida,
«Vem triste, mimosa flôr.»

São para ti os meus dias,
Não temas que alguém t'os tome;

E como não hei de amar-te,
«Se tens de saudade o nome?»

Todo o meu corpo padece,
O meu soffrer causa horror,
Só porque dentro em meu peito
«Da saudade eu sinto a dôr.»

Maranhão, Abril 1896.



A PEDIDO

Amigo, a gratidão é um dever
Que impõe o coração;
Ser grato a quem nos faz um beneficio,
Não é humilhação.

Jesus, ao transitar para o Calvario,
No sudario deixou
Sua effigie, em penhor á mulher santa,
Que a face lhe enchugou.

Eu que o exemplo de Deos sigo e venero
Com toda adoração,
Aqui meu nome deixo, como prova
Da minha gratidão.

Maranhão, Julho 99.



Negro mocho

Porque vens, ó negro mocho,
Carpir sobre o meu telhado ?
Vai cumprir teu triste fado,
Longe da minha morada;
Vai pouzar lá no cypreste,
Que de tristeza reveste
Aquella campá adorada.

Vôa, que não quero ouvir
O teu piar agourento,
Vivo em continuo tormento,
Pois traz a dôr afflicção;
Esse teu canto monotono,
Vem perturbar o meu somno,
Faz sangrar meu coração.

O' vôa, quero dormir,
Pois só dormindo tem calma
Um corpo que não tem alma,
Porque ha muito ella partio;
Vai guardar a sepultura,
Onde minh'alma procura
Um ente que lhe fugio.

Maranhão, Agosto 95.



Ao regresso do eminente litterato

Coetho Netto.

Eis de novo entre nós o viajante,
O luctador constante que na mente
Tem um fóco de luz;
Que em rojo espargue raios diamantinos,
Tão puros, tão sublimes, tão divinos,
Que encanto trazê'á flux,

Eis de novo agitados nossos peitos
Que d'affeições ha muito estão sujeitos
A uma só vontade;
Eis o vulto gigante que das lettras
Tem formado cadeias, tão perfectas,
Que prende a humanidade.

Saúdemos, pois, de novo a aguiá altiva,
De cada peito se desprenda um viva
Que chegue á Eternidade.
O merito, a virtude e a intelligencia
São a grande força,—colossal potencia
D'onde emana a verdade.

Maranhão, 7 de Setembro—99.



RECITATIVO

A' PEDIDO

Visão celeste, graciosa, lhana,
Luz diaphana, subtil feitura,
Beijar quizera teu vedado seio,
Mystico enleio que traduz ventura.

Prodigio raro, vaporosa fada,
Flor qu'alvorada bafejou sorrindo,
Sorver quizera teu perfume brando,
Não offuscando teu brilhar infindo.

Quem pôde ver te sem tornar-se escravo,
Inda o mais bravo teu olhar domina:
Não ha no mundo quem rezista a tanto
Lucido encanto que seduz, fascina.

C. Vigia, Outubro 1888.—E. Pará.



O pão de cada dia.

Emquanto o rico folga prazenteiro,
Em coxim de velludo reclinado,
O pobre passa o dia apouquentado,
Embora sinta dôr ou alegria;
Não se furta ao trabalho, que é seu guia,
Seu amparo e unica esperança,
Não tendo como o rico confiança
De já ter ganho o pão de cada dia.

Emquanto o rico pensa em vans chimeras
Que na mente lhe povôa o falso ouro,
O pobre tambem pensa em seu thezouro,
A' familia que zela e que vigiã;
No amor que lhe dá força e ousadia
De supportar a sua dura sorte,
Embora no labor encontre a morte,
Morre ganhando o pão de cada dia.

Emquanto o rico busca em vão o somno
No sedoso colchão do rico leito,
O pobre curva a fronte sobre o peito,
Dorme o profundo somno que queria
Dormir talvez o rico que, de dia,
Furtou da noite o somno verdadeiro,
Não lhe sendo Morpheu hospitaleiro,
Porque não ganha o pão de cada dia.

Emquanto o rico gosa neste mundo
Os prazeres de inteira liberdade,
Vai o pobre gosar na Eternidade
O descanso e a paz que á Deos pedia
Quando, cançado de lutar de dia,
Uma prece erguia ao Redemptor
Que em seu seio acolhe com amor
Quem aqui ganhou o pão de cada dia.

Maranhão, Fevereiro 1895.



Revelação—A pedido.

Amo teu rosto que traduz bondade,
Amo, é verdade, não duvides, não !
Amo teus lábios, teu sorrir mimoso,
Tremo de goso se te aperto a mão.

Esses teus olhos seductores, bellos,
Doces anhelos me despertam n'alma:
E o som cadente de tua voz macia,
Tem melodia que o soffrer acalma.

Deixa que te ame, pois amar não é crime,
E' tão sublime esta paixão que occulto ..
No Céo, na terra, sempre o amor persiste,
Tudo que existe vem render-lhe um culto

C. Monte-Alegre, Maio 1889 —E. Pará.

MOTE

Brazil, oh ! Nação potente
Em que abysmo irás parar,
Se imprudente e não prudente
Os teus males não sarar.

Ext. do jornal *Pacotilha* (do Maranhão).

GLOSA

Ergue a fronte, não consente
Que teus filhos illustrados
Se vejam depreciados,
«Brazil, oh ! Nação potente !»

Se assim te deixas levar,
Sem pôr freio ao desatino,
Qual será o teu destino ?
«Em que abysmo irás parar ?!»

O lutar constantemente
Seja teu guia, teu norte,
Deixarás de ser mais forte,
«Se imprudente e não prudente.»

Mas se a vida é o lutar,
Teus louros murchos serão,
Se com a lei e com a razão
«Os teus males não sarar.»

Maranhão, Maio 1898.

Supplica

Deos de bondade, por piedade escuta,
Ouve os suspiros que te envio aos Céos,
Volve teus olhos ao mesquinho albergue
Onde soffrendo vejo os filhos meus.

Manda, Senhor, que a tua luz celeste,
Exparja raios neste humilde lar,
E que esses raios illumine e guie
Os insensatos que não sabem orar.

E como o orvalho, que do Céu envias,
A' tenra planta que tua mão creou,

Manda a meus filhos teu celeste amparo,
Que a ti de joelhos mil louvores dou.

Deixa, meu Deos, que a pobre mãe afflicta
Goze da dita de seus filhos vêr,
Crescer te amando, venturosos, crentes..
Que tu consentes, sim, eu devo crer.

E nesta quadra d'uma vida errante,
Quão inconstante é este meu orar !
Perdão, eu peço, por tão grande culpa,
E' ella a causa deste meu penar !!

V. Itaituba, Abril 1892.—E. Pará.

O que fui, hoje não sou.

Do destino 'a ferrea mão,
Pezando sobre meu ser,
Poude vergal-o e torcer:
O que fui hoje não sou,
Já não tenho altivo genio,
O tempo o modificou.

Se amei e fui amada,
Foi um sonho passageiro,
Tão doce quanto ligeiro,
Pois curto tempo durou;
Se fui feliz me não lembro,
Se fui bella já não sou.

Os meus haveres perdi-os,
Mui pouco tempo os gosei,
Muitos tormentos passei
Sem achar consolação,
Mas essa dôr já não sente
O meu morto coração.

Se vivo, nem sei se vivo,
Se rio, nem mesmo sei;
E se o tempo que passei
Até aqui foi perdido,
Não desejo reatal-o,
D'elle me tenho esquecido.

Só sei é que descuidada,
Nesse desvairo sem calma,
Tive seres da minh'alma,
Que dão-me mel como abelha,
E me fazem recordar
Que fui moça e hoje sou velha.

C. Gurupá, Novembro 1892—E. Para

Tenho medo de ti.

(A PEDIDO)

Tenho medo de ti, devo fugir,
Embora te ame com paixão ardente,
Já que o tyranno mundo não consente
No amor que não posso rezistir.

Tenho medo de ti, mas quero ver-te,
Quero fallar-te, sim, embora seja
Da mimosa avesinha que te beija
E feliz tem o dom de pertencer-te.

Tenho medo de ti, mas não, não posso
Deixar de amar-te nunca, até à morte...
Este amor mais que ella será forte,
Pois tem minh'alma preza n'um abraço.

Maranhão, Setembro 1895.

Recitativo

A' meu presado compadre e dedicado amigo, Antonio Alberto da Silva (ausente).

Sonhei que te via prostrado n'um leito,
Ouvi de teu peito sair um gemido,
Na fronte abrazada beijei-te offegante,
Te vi delirante, julguei-te perdido.

N'um louco transporte tomei-te a mão fria,
Minh'alma sentia atroz soffrimento;
De susto nas veias meu sangue gelou-se,
Meu corpo vergou-se... que horrivel tormento !

Queria fallar-te, privava-me a dôr,
Tal era o torpor que a voz me embargava...
Cahi de joelhos, convulsa, tremente,
E quasi demente teu rosto fitava.

Depois, veio o pranto, tornei-me mais calma,
A voz de minh'alma á Deos dirigi:
Senhor, não sou digna, mas ouve esta prece,
Quem muito padece confia-se em ti.

Salvai este ente, que tanto extremeço !
Oh ! quanto padeço por vel-o soffrer;
E' elle a ventura do filho que adoro,
Senhor vos imploro:— deixai-o viver !

Quem é virtuoso, quem é complacente,
Quem dá ao indigente com mão liberal,
O mundo devera tornal-o potente,
E tu, Deos clemente, fazel-o immortal !

Maranhão, Maio de 1898.



MOTE

Nô mar da anciedade
Foi minh'alma repouzar,
Nesses teus olhos brilhantes
A vida póde encontrar.

Antonio Bessa.

GLOSA

A' turba impura lancei-me,
Tendo ainda pouca idade,
E louco fui abysmar-me
«No mar da anciedade.»

Luctei, e venceo-me o pélago,
Não pude terra alcançar,
E no seu antro horroroso
«Foi minh'alma repouzar.»

Porém o sol luminoso,
Com seus raios scintillantes,
Foi despertar-me e reví-me
«Nesses teus olhos brilhantes.»

E o ente que alli jazia
Se via surgir do mar,
E' que em teus olhos revendo-se,
«A vida póde encontrar.»

Maranhão, Julho 1897.



Ao meu presado amigo, o illustre cidadão
João Henrique Martins Filho.

Era noite: já no Céu
Bella lua se ostentava
E seus raios dardejava
Cheios de mago esplendor:
Qual pudica noiva, a terra
No seu collo diamantino,
Deixava o astro divino
Depor-lhe o beijo de amor.

No meu lar tudo era quedo;
Só eu velava agitada,
Co'a fronte meia inclinada,
Pensando no filho meu,
Quando o silencio quebrando
Da minha monotonia,
Elle as escadas subia
Trazendo um amigo seu.

Nos braços do filho amado
Lancei-me cheia de affecto,
E ao seu amigo dilecto,
Contente, estendi a mão:
Bemvindo sêde, mancebo!
Neste lar não ãa riqueza,
Mas nelle existe a grandeza
Que nos vem do coração.

Sabeis quem é esse amigo
Que na minh'alma inda impera,
Pois da amisade sincera
Sabe o tributo pagar?
Sois vós, Senhor, que dotado
D'esse nóbre sentimento,
Em meu peito um monumento
Eterno soube elevar.

Maranhão, Maio 99.

Porque teu olhar desvias,
Se de encontro vem ao meu,
Quando desejo que o teu
Prenda-se ao meu coração,
Que te tem tanta afeição
E mil vezes te tem dado
Carinho, doçura, agrado,
Amor e dedicação ?

Outr'ora, quando me vias,
Teu rosto alegre ficava,
Tua voz meiga e sonora
Meu nome pronunciava;
Nos teus braços me lançava
Sem ter o menor receio,
Te unia de encontro ao seio,
Onde outro amor se gosava.

Sim ! Amei na inteira idade,
Mas nunca foi esquecido,
E por mim não escondido
O puro amor fraternal;
Assim em que fica mal
O teu olhar me encarar,
Se só me pôdes amar
Com amor ao meu igual ! ?

Maranhão, Novembro 1894.



O amor.

O amor tem seu sol sempre dourado,
Seus arroubos deslumbram o coração;
Mas ah! quem do amor pôde dizer
Que não tenha soffrido ingratição?!

O fogo do amor é indomavel;
Nos seduz com seus rubros esplendores;
Mas ah! quem d'esse fogo, são e salvo,
Sair pódera acaso sem ter dôres!

O amor é como a aurora boreal
Que do rubido Céu mostra um sorriso;
Mas ah! quem de seus labios prova o mel
Torna em barathro de dôr o Paraizo.

O amor dá-nos força na fraqueza;
Suave é o borbulhar do coração
Quando, no seio d'alma palpitante,
D'amor recolhe o beijo da paixão.

Maranhão, Março 1896.



N'um album

Da concha nascem as perolas,
O coral surge do mar,
Nasce o cristal da rocha,
 indo em teus olhos brilhar;
Nasceste tu d'uma rosa...
Homenagem, flor mimosa,
V qui te venho prestar.

Maranhão, 1897.

Mote

As cordas que vibram n'alma
Têm horas que desafinam.

(Ext.)

GLOSA

Quando um olhar feiticeiro
Nos tira o socco, a calma,
E' o amor que nos afina
«As cordas que vibram n'alma.»

Mas se acaso alguns ciúmes
Nos magoam e amofinam,
Então as cordas vibradas
«Têm horas que desafinam.»

Maranhão, Março 95.



Ante o retrato de D. Pedro Segundo

Honra a Pedro Segundo, o grande Imperador,
Que do Brazil cuidava com ardor

E affecto paternal;

Mas que em troca tivera brusca paga,
Pois fizeram-no morrer em estranha plaga
De dôr tão perennal.

Honra a quem do Brazil guardou saudoso
Os dias que julgou-se venturoso

Entre a gente que amava,

Não contando seus subditos queridos
Zombassem da velhice e dos gemidos
Qu'a sorte lhe aguardava.

Porém, inda entre o povo Brasileiro,
Existem corações que verdadeiro

Affecto lhe dedicam;

Que ao contemplar seu busto venerando,
Com vivo enthusiasmo se curvando,
Respeitosos ficam.

Maranhão, Agosto 1895.



A' meu bom compadre

Antonio Alberto da Silva.

MOTE

Quem na terra dá aos pobres,
Colhe flores lá nos Céos;
E' levado pelos anjos
Ao pé do throno de Deos.

GLOSA

No Céu é sempre exaltada
A virtude e os actos nobres;
Deos recebe com ternura
«Quem na terra dá aos pobres.»

No jardim do Paraizo
Com os archanjos de Deos;
Quem protege os infelizes
«Colhe flores lá nos Céos.»

Quando um ente caridoso
Deixa este mundo de arranjos,
Entre faustosa alegria
«E' levado pelos anjos.»

E toda a Côte Celeste,
Bemdizendo os actos seus,
Vai entre flores leval-o
«Ao pé do throno de Deos.»

Assim tu serás levado
Para o mundo da verdade,
Pelo pranto que enxugaste,
Com a tua caridade.

C. Gurupá, Julho 1893. E. Pará.

VICTORINHA

ESCUTA

Aqui cheguei em confusão terrível,
Momento horrível d'afflicção tão dura,
Ligeira sombra de gosar momentos,
Me traz tormentos e me faz tristura.

Horrível noite, escuridão tremenda,
Tornou horrenda tão ardente lida !
Cá nesta terra hoje triste e feia,
Outr'ora cheia, de belleza e vida.

Ah ! Se não fosse, minha terna amiga,
A lei que obriga o mortal a crêr,
Eu já teria, maldizendo a sorte,
Pedido a morte, para allivio ter.

Ah ! Se não fosse inda ter esp'rança,
Que a alliança sobrevenha á lida,
Não sei, amiga, se viver pódera,
Sem alegria, sem prazer na vida.

C. Alcantara, Setembro 72.



MOTE

Eu queria, ella queria,
Eu pedia, ella negava,
Eu chegava, ella fugia,
Eu fugia, ella chorava.

(Ext.)

GLOSA

Ser esposos venturosos,
Viver juntos noite e dia,
Do amor fruindo os gosos,
«Eu queria, ella queria.»

E do seu collo mimoso,
A linda flor que o ornava,
Com affecto carinhoso,
«Eu pedia, ella negava.»

Se d'ella me retirava,
Seu semblante entrestecia;
Porém, quando a procurava,
«Eu chegava, ella fugia.»

E não sei qual a razão
Porque assim praticava:
Não me amava, porque então
«Eu fugia, ella chorava ?»

Maranhão, Junho de 1872.



A' Gonçalves Dias

E' justo, Maranhenses, verdadeiro
Esse preito á memoria do primeiro
Cantor da nossa terra,
Que a desdita levava a outras plagas
E na volta ficara entre as vagas
Quem tanta gloria encerra

Só ao mar fôra dada a gran ventura
De offerecer tão vasta sepultura
Ao immortal cantor,
Que em seu leito vive adormecido,
Mas no mundo não fôra inda esquecido
O seu canto de amor;

De amor qu'elle sentia por sua terra,
Pelo mimoso passaro da serra,
Qu'elle ouvira cantar
Na formosa palmeira, onde pouzado,
Fizera o peito seu enamorado
Um canto lhe offertar;

Um canto de saudades amargosas,
Recordação das tardes venturosas
Qu'aqui tinha gosado
Essas tardes d'amor ledas, serenas,
Que ao lebral-as traziam magoas, penas,
Ao triste desterrado.

Maranhão, Julho 1895.



A' Casimiro d'Abreu

Com penna d'ouro na mão,
Atravez do firmamento,
Vejo-te, genio portento,
Compondo canção divina;
Aos anjos teu canto ensina,
O' meu inspirado vate,
Pois aqui por toda parte
Só cantar te foi a sina.

Co'a face na mão pendida,
Longe do berço querido,
Soltaste um canto sentido,
No transporte d'afflicção;
O teu leal coração
Tua morte presagiava,
Quando elle tua mãe chamava,
Soluçando uma canção.

Choram, sim, as cachoeiras,
Sentidas por tua morte;
Lamentando a tua sorte,
A onda geme na praia;
Despe o prado a sua alfaia,
Já não tem tão lindas flores,
Saudoso de seus amores,
Agora triste desmaia.

Canta á tarde, no retiro,
O sabiá mavioso,
Carpindo o cantor mimoso
Que cedo a morte colheu;
Como pelo esposo seu,
A jurity magoada,
Chora no galho, pousada,
Por Casimiro d'Abreu.

Teus versos aqui na terra
Muitos repetem, chorando,
Da lyra as cordas vibrando
Não pódem compor iguaes.
Vive, pois, sem ter rivaes
Cantando na eternidade...
Se de lá mandas saudade,
D'aqui te enviamos ais.

V. Igarapé-Miry—Janeiro 89.—E. Pará.



. . .

Não podeste fugir, mulher formosa,
Das garras tão cruéis do teu destino !
Teu coração tornou-te criminosa,
Mas por isso, mulher, não te crimino.

Amor—essa ternura, enlevo d'alma
Que nos cega, arrebatada e nos seduz,
Se traz das afeições a doce palma,
Dos martyrios tambem nos traz a cruz.

Os desvarios cruéis do coração
Não podem condemnar a alma pura,
Quando conforto busca na oração
E crente aos pés de Deos perdão procura.

.....

Teu coração tornou-te criminosa,
Mas por isso, mulher, não te crimino:
Fugir, ah ! não podeste, desditosa,
Das garras vis, cruéis do teu destino.

Maranhão, 3 Setembro 1898.

Mote

Quem ama não teme a morte,
Quem teme não sabe amar.

(Ext.)

GLOSA

Quem ama despreza as dores,
Quem ama torna se forte,
Da sorte affronta os rigores,
«Quem ama não teme a morte.»

A covardia, o temor
Amor não deve mostrar,
Pois quem ama tem valor,
«Quem teme não sabe amar.»

Maranhão, Setembro 1898.

**Ao illustrado Dr. Aleides R. Pereira, a pedido
de uma amiga.**

Se os que se sentem opprimidos
Não achassem defensores,
Que surdos fazem os ouvidos
Da accusação aos clamores;
Que seria do innocente,
Injustamente accusado,
Se o sabio, justo e prudente,
Não o tivesse amparado !

Assim, eu venho em penhor
De amisade e agradecida,

o
Ao meu nobre defensor,
Quasi a hora da partida,
Com o mais nobre sentimento
Que me dita o coração,
Mostrar-lhe neste momento
Todo preito e gratidão.

Convido, pois, os amigos,
Neste modesto recinto,
Onde não conto inimigos
Que possam dizer que minto,
P'ra bebermos á saude
Do distincto advogado
Que á par da lei—a virtude
Tem por preceito sagrado.

Maranhão, Outubro 1898.

Recitativo

A PEDIDO

Vi-te sorrindo, contemplando flores,
Louco de amores quiz beijar-te á furto...
Estremeceste como a linda rosa
E mais formosa te tornou o susto.

Buscaste a fuga, qual gentil gazella,
Mas minha bella, que terrivel susto !
No lindo espinho que a roseira brota,
Achaste preso teu vestido curto.

Debalde vi-te debater no laço,
Quiz n'um abraço confundir-te, ó linda !
Mas tive pena de tocar de leve
Teu corpo breve que divizo ainda.

C. Santarem, Julho 1887.—E. Pará,

AO MEU JOVEN AMIGO,

Almir Pinheiro Neves,

Por ocasião de sua partida para o Rio de Janeiro.

Parti, senhor, em busca da saúde
Que haveis de achal-a, o coração m'ô diz,
Se a sorte ordemna e Deos assim o quiz,
Seu mando obedecer é uma virtude.

Parti, embora vossa mãe amada
Fique saudosa, mergulhada em pranto,
Que a doce prece d'esse amor tão santo
Ser-vos-ha guia—na feliz jornada.

A vossa ausencia eu também a sinto,
Pois vossa amiga dedicada sou,
E a rude prova que eu aqui vos dou,
E' bem sincera, podeis crêr, não minto.

Maranhão, Maio de 1898.



**A' minha presada amiga, a Exma. Sra.
D. L. Porto.**

Boa amiga, o teu carinho
Augmentou minha afeição;
Com a voz do passarinho
Me fallaste ao coração.

Quando no leito da dôr
Tu me vieste affagar,
Minh'alma cheia de amor
A ti senti se enclinar.

O raio de luz divina
Que te invade todo o ser,
Como o brilhante na mina
Já se vê resplandecer.

Como a bella sensitiva,
Tu tens a alma, senhora,
E no mundo, por divisa,
A virtude immorredoira.

Sê caridosa: prosegue
Nessa sagrada missão;
Quem de Deos o mando segue
Tem jus á veneração.

Maranhão, Maio 99.



MOTE

E' impossivel... não creio,
Tu não me amas, mentira!
Não é por mim que teu peito
Apaixonado suspira.

(Ext.)

GLOSA (a pedido)

Nesses olhares furtivos
Que me lanças com receio,
Nos teus sorrisos lascivos,
«E' impossivel... não creio.»

Quando penso em teus amores,
A minha mente delira...
São fingidos teus temores,
«Tu não me amas, mentira.»

Longe vai teu pensamento
Quando tu scismas no leito,
Torturado em desalento,
«Não é por mim que teu peito...»

Se um canto soltas, vibrante,
Acompanhado na lyra,
Sei por quem teu peito amante
«Apaixonado suspira!»

Maranhão, Maio 98.



A uma actriz

A PEDIDO

Menina de nariz grande,
Queixo fino, tez inculta,
Por aqui te apresentares
Bem devias pagar multa.

As varetas que sustentam
O corpo teu de comparsa,
São como as verdes canellas
Da branca e comprida garça.

Nesta terra em que a belleza
Tem feito o seu pedestal,
Não podemos supportar
Que venha feiura tal.

Maranhão, 97.



A pedido

Viva o carnaval, viva a folia
Que o coração nos faz pular de goso !
Nestes dias o amante venturoso
Gosar póde o amor na fantasia.

E do somno o repouso despresando,
As noites passa alegre, a desfructar...
Do carnaval somente a se occupar
E d'amor os affagos procurando.

Viva o carnaval, que traz consigo
O magico condão de enlouquecer;
Moços, velhos, crianças, sem temer,
Se atiram no folguedo e no perigo.

Maranhão, Fevereiro 1895.

A' minha filha Ganêvri.

Sonhei que véo de noiva cingio-te a fronte bella,
Onde já te enfeitava angelical capella.

Qu'um velho Sacerdote, filha, te chamou,
E o teu feliz enlace contente abençoou.

Não sei porque chorava, nos braços te estreitando,
Beije-te a linda face e ahí fui acórdando.

Olhei para teu leito, já lá não te achavas,
O dia ia raiando e tu já estudavas.

De triste meu semblante ficou logo risonho
Oh ! não tinhas casado, apenas foi... um sonho.

Maranhão, Maio 1897.



N'UM ALBUM

Deste album precioso
Vou uma pagina estragar,
Falta alegria a meus versos;
Não pódem aqui figurar.

São tristes como as saudades
Que guardo do meu passado,
São como o canto perdido
Do trovador desterrado.

Bem como a candida rosa
Que abriu, murchou, feneceu,
Minha bella mocidade
Sorrio, florio, pereceu.

Assim, pois, deste teu album
Vou uma pagina estragar;
Quem só de saudades vive,
Saudades só póde dar.

Maranhão, Abril 1896.



A' minha amiga Marianninha Neves, por occasião do sahimento de seu filhinho José.

Tremi, querida amiga, ao contemplar-te
No transporte da dôr,
Ao beijar teu filhinho estremeçido,
Esse fructo do amor.

Misturei minhas lagrimas com as tuas,
Meus ais, minha afflicção,
Pois tambem já senti a mesma dôr
Ferir-me o coração.

Eu tambem, como tu, tremula, convulsa,
Beijei meu filho amado
Que para o Céu, vôando, me deixava
O peito apunhalado !

Quasi louca fiquei por longo tempo,
Deseri até dos Céos;
Mas hoje já minh'alma conformada,
Bemdiz o grande Deos !

Assim, cessa teu pranto, não maldigas
Quem nos fez e creou:
Teu filho era do Céu, só veio á terra
Beijar-te e revôou.

Maranhão, Março 1895.



DESPEDIDA

A' meu verdadeiro amigo e compadre, Antonio Alberto da Silva, agradecendo-lhe os beneficios que me prodigalisou por occasião de minha partida para o Pará.

Venho saudosa derramar meu pranto,
Agradecida te beijar a mão;
De ti me aparto, levarei commigo
Teu nome escripto no meu coração.

E's generoso, és compadecido,
Nunca te esquivas a uma boa acção...
A Deos supplico que te adoce os dias
E abrañde as magoas do teu coração.

A Deos eu peço para ti augmentos,
Que nunca sintas uma privação,
Que sejas sempre venturoso e nobre,
Quem dá aos pobres tem compensação.

Quero abraçar-te, quero unir-te ao peito,
Sentir o effeito destes prantos meus;
Quero provar-te quanta dôr eu soffro,
Quanto padeço por dizer-te adeus.

Maranhão, Abril 1888.



A CARIDADE

A' minha boa amiga D. Anna Baena de Souza, pelos cuidados que me dispensou no Pará, durante dezoito dias de enfermidade.

Dos corações bem formados
E' que nasce a caridade,
Essa sublime virtude
Que Christo nos ensinou,
Esse sentimento nobre
Que a nossa alma illumina
Com raios de luz divina,
Porque Jesus o amou.

Se a proscripta, a desterrada,
Longe dos seres que adora
E por quem saudosa chora,
Não achasse caridade;
Que seria dos seus males,
Do seu constante gemido !?...
Já teria succumbido
Sob o peso da saudade.

Guiada por boa estrella,
Vim a' este lar amigo,
Onde encontrei o abrigo
Qu'uma mãe pódera dar.
Por isso, ná despedida,
Eu me retiro saudosa
Desta alma generosa
Que me soube captivar.

Belém, Agosto 93.



PRESENTIMENTO

Meu Deos, eu sinto a morte approximar-se,
Sente-a meu coração !
Está quasi tocando no meu leito...
Meu sonho esperançoso, eil-o desfeito
N'um grito d'afflicção.

Só tu, ó grande Deos, podes sustel-a
Com tua mão celeste;
Manda, Senhor, que páre em seu caminho,
Poís, que ainda carecem de carinho
Os filhos que me déste.

Ao menos quero ver qual o destino
Que lhes depara a sorte !
Oh ! faze que eu os veja florescer,
Adoça-lhes, meu Deos, o padecer...
Então que venha a morte !

Maranhão, Novembro de 98.

Mosinha

Teus olhos são còr da noite,
Teus labios são de carmim,
E tens na mimosa bocca
Uns dentinhos de marfim.

Tens as faces còr da rosa,
Tez morena delicada,
Teu sorriso é fascinante,
Teus cabellos são de fada.

Tens o collo assetinado,
Cintura delgada e fina.
São teus braços torneados,
E a falla doce, divina.

Tuas mãos são pequeninas,
Teus pés—um lindo primor !
E's a obra mais perfeita
Que compoz o Créador;

Por isso, quando contémplo.
A tua gentil figura,
Creio-te um anjo celeste
E não uma creatura.

Maranhão, Janeiro 1895.



«Estrella, flor e donzella,
«Qual das tres têm mais primor,
«Qual é das tres a mais bella
«Donzella, estrella ou a flor ? »

(Ext.)

CONTRASTE

(AO POETA)

Que a flor não resiste ao frio,
Que não conserva a frescura,
Que a damnifica o estio,
E' certo, pois, pouco dura.

A mais formosa donzella
Perde a graça, perde a côr,
E a sua branca capella
Desfolha—a um beijo de amor.

Porém a estrella divina,
Quando se ostenta nos Céos,
Os nossos olhos fascina,
Porque n'ella vemos Deos.

C. de Santarem, Setembro de 89,—E. Pará.

DESPEDIDA—(a pedido).

O fado cruel ordemna
A nossa separação,
Ao meu pobre coração
Elle impõe tão grande pena;
O cruel que me condemna
A viver de ti ausente,
Maldirei eternamente,
Pois que de mim não tem pena.

Inda te vejo e já tenho
Meus olhos cheios de pranto,
Inda te vejo e no entanto
Em chorar não me contenho !
Dizer-te adeus, aqui venho,
Recolhe meu pranto amigo,
Quero abraçar-me contigo,
O' quantas saudades tenho.

Adeus ! Adeus ! Cara amiga !
Parte que te ordemna o fado !
Este pranto derramado
A saudade não mittiga !
Não é Deos quem me castiga,
E' uma sorte invejosa,
Que me nega ser ditosa
Junto de ti, minha amiga.

Maranhão, Setembro 1897.

MOTE

Quem quer ganhar corações
Não deve ser estouvado...
Deve com geito e agrado
Combater opiniões...

(Ext.)

GLOSA

Não deve ser orgulhoso,
Embora tenha nobreza,
Proteja sempre a pobreza,
Com todos seja bondoso;
Do proximo nunca maldiga,
Fuja das grandes funcções,
Evite os mãos, mas sem briga,
Quem quer ganhar corações.»

Quando falle tenha tento,
De todos guarde o segredo,
Nunca acredite em invento,
Da calumnia tenha medo;
Com geito tudo se alcança
Quem estiver enamorado;
Tenha cautela na dança,
«Não deve ser estouvado.»

Por qualquer futilidade,
Não procure altercação,
Busque encontrar a verdade
Que existe no coração;
Embora superior,
Nunca se mostre elevado;
Para ser do amor senhor,
«Deve com geito e agrado.»

Quem tem calma tem sciencia,
A prudencia é arma forte,
Quem não tiver paciencia,
Perde a vida, encontra a morte;
O tolo é sempre atrevido...
O sabio vence questões,
Vê-se homens sem partido,
«Combater opiniões.»

Maranhão, Junho de 99.



AO DISTINCTO CLUB

DELICIAS DO TEMPO

Mocidade, mocidade !
Folgai, diverti-vos bem !
Que da velhice o desdem
E' duro de supportar,
Pois quem a velho chegar,
Não se tendo divertido,
Chorando o tempo perdido,
Triste em pranto hade acabar.

E se acaso algum de vós,
N'este brinquedo innocente,
Sentir de paixão ardente
Apossado o coração:
Que seja tal affeição,
Tão sincera e verdadeira,
Como a aurora prasenteira
Que de Deos traz a benção.

Maranhão, 1897.

DESPEDIDA

A' minha filha, Aura Déa Azedo Mattos.

Vais partir, filha querida !
Ah ! Muito custa, meu Deus,
Desprender-te de meus braços,
Meus labios dizerem adeus.

Vais em busca de saude,
Nem isso a sorte te deu !
Sê feliz, embora soffra
Mil dôres, o peito meu.

Meus beijos dizem-te amor,
Meus soluços afflicção,
Meus suspiros bem demonstram
Quanto soffre o coração.

Robusta e cheia de vida
Breve te veja voltar,
Pois meus braços só se fecham,
P'ra de novo te estreitar.

Maranhão, Outubro 1894.



Aura

Partiste, filha adorada,
Eu muda, petrificada,
Pela a dôr acabrunhada,
Fiquei na praia chorando,
Sempre a vista dilatando
Para seguir o vapor
Em que ias, meu amor,
Para longe te afastando.

Mas tarde deixando o porto,
Nas mãos occultando o rosto,
Procurei achar conforto
Nos braços do Pae amigo,
Que, confundindo commigo,
Lagrimas de vivo pesar,
Quiz minha dôr consolar,
Mas só soltou um gemido.

Quem visse a minha afflicção
Por tua separação,
Só não tendo coração
Não teria dô de mim !
Oh ! Que tormento sem fim...
Quem não teria piedade
Da minha dôr e saudade,
Me vendo soffrer assim.

Tuas chorosas maninhas,
Pobres tenras avesinhas,
A tremerem, coitadinhas !
Por me verem chorar tanto,
Enxugar vieram o pranto
Dos olhos meus derramado,
E d'ellas o terno agrado
Trouxe á dôr balsamo santo.

Sonhando, mesmo acordada,
Te vejo sempre enfeitada,
A sorrisos descuidada
A' mãe que te ama tanto,
Com amor tão puro e santo,
Que a Deos só é permitido
Dizer a mãe ao ouvido
Seu segredo, seu encanto.

Maranhão, Novembro 1894.

AURA

O tempo passa vagaroso e triste,
Meu ser existe n'um soffrer atroz;
Embalde busco escutar do vento
Por um momento tua meiga voz.

Procuo vêr-te na gentil florzinha,
Que de belzinha se assemelha a ti;
Louca sorrindo tomo a flor, enlaço
N'um terno abraço, pois na flor te vi.

Beijo-a mil vezes, affagando-a sempre,
Meu peito sente tanto amor em si!
Entre soluços digo á flor mimosa:
Formosa rosa quero têr-te aqui.

Junto a meu lado tens amor ingente,
Da filha ausente que és a imagem bella:
Não te separez desta mãe afflicta,
Tu tens por dita semelhar-te a ella.

Maranhão, Novembro 1894.

AURA

No Céu chrySTALLINO,
Na nuvem doirada,
Eu fecto meus olhos
Te vejo pairada.

Os astros brilhantes
Confundem meu ser,
Que em cada estrella
Parece te ver.

Na flauta sonora
Que os peitos acendem,
Escuto seus cantos
Que encantam e prendem.

A tenra hervinha,
O vento assoprando,
Se curva gostosa
Teu nome affagando.

E' triste ventura
Viver de illusão,
De magoa e saudade,
De dôr e paixão.

Não tardes, criança,
Te esperam meus braços,
Meus fervidos beijos,
Meus ternos abraços.

Maranhão, Novembro 1894.



AURA

Quando alta noite, no meu leito humilde,
Procuro repousar,
Ergo uma prece a Deos e adormeço
Por teu nome a chamar.

Bemdigo o somno que permite em sonhos
Contigo conversar;
Maldigo o acaso que me furta o goso
De te vêr e fallar.

Busco de novo o leito a vêr se posso
Meu sonho realar,
Adormeço chorando e sempre, sempre
Por teu nome a chamar.

Quando os raios da aurora fulgurante
Começam a despontar,
Eu desperto saudosa do meu somno,
Por teu nome a chamar.

Maranhão, Dezembro 1894.



Aura

Volve, ó minha filha, aos lares teus,
Já não posso tua ausencia supportar:
Os dias que se passam, que demoras,
Augmentam no meu peito este pezar.

Já sinto que me falta a paciencia,
Por vezes quasi que me foge a vida;

Vem, pois, reanimar com teus affagos
Os tristes dias de tua mãe querida.

Bem como a rôla, que ferida vòu,
Procurando um asylo para si,
Assim, pãra o sepulchro eu já pendida;
Espero a salvação que vem de ti.

Maranhão, Dezembro 1894.



AURA

Emfim voltaste, minha filha amada,
Prenda adorada, divinal anjinho;
Vem a meus braços, vem unir-me ao peito
Gosar de perto o maternal carinho.

Vem, que a alegria me transborda n'alma,
Teu riso acalma meu soffrer constante;
Vem reclinar a tua fronte linda
Na chamma infinda de meu peito amante.

Não ha no mundo quem te ame tanto
Com affecto santo de mais puro ardor,
Do que aquella que alentou-te ao seio
Com todo o enleio do mais nobre amor.

Maranhão, Dezembro 1894.



ULTIMO BEM

Voa, minh'alma, às santas regiões,
A este corpo cançado dá descanso,
Que no mar desta vida os vagalhões
Só procuram affastal-o do remanso.

Flor ainda em botão, tombei no abysmo,
O tufão arroujou-me na torrente,
Com frouxo gargalhar e com cynismo,
Da hastil desprendeu-me eternamente.

Reviver minhas pet'las, quem pódera ?
Da planta, pelo inverno arrebatadas,
Nem o frescor de eterna primavera !

Deixa que vá á sombra do cypreste
A frescura gosar das madrugadas,
A flor que do tufão não protegeste.

Maranhão, Setembro 98.



AO INSIGNE AMADOR,

João H. Martins Filho.

Em agradecimento á maviosa walsa que teve a amabilidade de offerecer-me, denominando-a

AMOR E DESVENTURAS.

Os mellifluos encantos da harmonia
Fazem n'alma nascer o sentimento
Do bello, que chamamos—Poesia,—
Irmã desse ideal do pensamento.

'Té os brutos das selvas ao escutar
Da harpa de David os sons divinos,
Suas cavernas deixaram e admirar
Vieram sem entender os ternos hymnos.

Quem se não sente preso ao santo enleio
Que em effluvios derrama a melodia,
No coração mais puro ou casto seio ?

Trilha firme o caminho da victoria,
Que te espera no bronze da harmonia
A fama que conduz á summa Gloria.

Maranhão, Setembro 99.



AO MEU ILLUSTRADO AMIGO,

Antonio Reis Carvalho,

por occasião de sua partida para o Rio de Janeiro.

Mote

Porque partes, Oscar d'Alva ?
A Lucia póde morrer !
Sem os teus bellos sonetos,
Não póde Lucia viver.

GLOSA

Essa mulher que tu amas
E que a morte negava
Agora vive chorando
«Porque partes Oscar d'Alva.»

Não vai, sê bom, sê clemente,
Tudo está em teu querer;
Com tão cruel dezengano,
«A Lucia póde morrer.»

Não julgues que os versos teus
Por Lucia não são acceitos;
Ella não póde passar
«Sem os teus bellos sonetos.»

Se não ficas, dize ao menos
Que não deixas de escrever,
Pois sem esse doce alento
«Não póde Lucia viver.»

Maranhão, Setembro 1898.

Cotinha

Essas palavras santas que fizeram
Teu filho hoje christão,
Que ditas foram um dia por Jesus
No rio do Jordão;

Fizeram com que os povos se curvassem
Aos pés do homem Deos,
Seguindo de João o grande exemplo,
Vieram até atheus.

Elevada a palavra do baptismo
Pelo sopro da aragem,
Fôra ouvida por todos, abraçada,
Até pelo selvagem.

E aquelles que por sua desventura
Não a querem acceitar,
Dispersos pelo mundo andarão sempre
Sem pousada encontrar.

Assim, com enthusiasmo aqui saúdo
Desse anjinho o baptismo:
Feliz se julgue a mãe que vê o filho
Sahir do paganismo.

Maranhão, Junho de 96.



*Resposta a um poeta, maldizendo
das mulheres.*

Aposto, caro poeta,
Sem medo ter de perder,
Que de certo deves ser
Por tua mãe engeitado;
Pois só quem teve o mau grado
De ter mãe desnaturada,
Póde, com lingua afiada,
Fallar assim desbragado...

Izês tu que o bello sexo
E' composto de traidoras,
Que se fingem de amadoras,
Quando em si só ha traição:
Tendo n'alma a corrupção,
Mostram no rosto candura
E quanto mais formosura.
Peor têm o coração.

Embora grande despeito
Te tresvarie a cachola,
Querendo em uma só bitola
Medir todas as mulheres,
Muito erras em quereres
Tirar o prestigio dado
A' mulher que, de bom grado,
Com honra cumpre os deveres.

O homem, sim, muito cedo
Deixa de ter lealdade:
Jura dizer a verdade,
Quando nos quer alcançar,
E depois de amor lhes dar,
Ai! que é da pobre esposa?
Um peito qual fria louza
Vai o seu seio encontrar!

Calai-vos, homens, silencio !
Quem sois vós sem vossas mães,
Sem o carinho de irmães,
Sem esposa ? quem sois vós,
Se em meio do mundo a sós,
Vos deixasse a Providencia,
Sem o amor e a complacencia
Que sempre encontraes em nós ?

Maranhão, 1896.



AO MEU ESTIMADO AMIGO

José Gomes de Castro

Se de Festas eu lhe envio
Esse mesquinho presente,
E' porque presentemente
Me acho na quebradeira.
Em fins de mez a algibeira
Nunca tenho recheiada;
Serio ! não é caçoada;
Pois não sou de brincadeira.

Que me dê Annos e Reis,
Já sabe, está prohibido.
Tire d'ahi o sentido,
Se é essa a sua intenção.
Eu fallo de coração,
Com toda sinceridade:
Só quero a sua amizade,
Sem haver appellação.

Maranhão, Dezembro 1898.

Ao illustrado sonetista

Regino Augusto,

Pelo sumptuoso soneto a C. Netto por elle dedicado.

TRIOLETS

Ao lèr o vosso soneto
Quem não ficará pasmado ? !
Até o Coelho Netto,
Ao lèr o vosso soneto.
Não tem elle um só defeito,
Pois com primor é rimado;
Ao lèr o vosso soneto
Quem não ficará pasmado ? !

Nada tem de lisongeiro,
Não ha quem melhor se exprima.
Nem Bocage, o soneteiro,
Nada tem de lisongeiro;
O que digo é verdadeiro,
Do engenho é obra prima,
Nada tem de lisongeiro,
Não ha quem melhor se exprima.

Maranhão, Julho 99.



. . .

O que pede, senhor, é impossivel,
Não posso o vosso amor corresponder,
Um coração que amou e guarda a fé,
Jámais pódera a outrem pertencer.

Nem mesmo a mão de esposa posso dar-vos,
Não sou d'ella e nem devo ser senhora;
Se pequei em dizer-vos a verdade,
Perdão aqui minh'alma vos implora.

Assim, se acreditaes n'uma amizade
Que o vosso agrado soube conquistar,
A minha vos off'reço tão sincera
Que certo não haveis de recusar.

Maranhã, 28 de Junho de 1876.



Improviso

. . .

Quando certeza não tinhas
Desta tão grande amisade,
Para junto de mim vinhas
Por expontanea vontade.

O affecto que te dei,
Partio do meu coração;
O que me déste,—já sei,
Foi da primeira impressão.

Quando a amizade é sincera
Tem tão profunda raiz,
Que nunca se degenera,
Um rifão antigo o diz.

Maranhão, Abril de 98.

Por mim e meus filhos.

Um brinde a meu compadre A. Alberto.
(Ausente).

Unidos todos saudamos
Ao nosso amigo dilecto,
Uma rosa lhe enviamos
Em signal do nosso affecto.

Um abraço prolongado
Por estas linhas mandamos,
Que o aceite de bom grado.
Contentes cá esperamos.

Maranhão, Maio de 98.



Na igreja

Entre os rumores da festa,
Cercada de luz e gala,
Ouvi debil e humilde falla,
Que uma esmola supplicava;
Uma criança alli vendo,
Toda coberta de andrajos,
Tive vergonha dos trajos
Que nesse dia ostentava.

—Uma esmola... repetia,
Tendo a mãosinha estendida;
Pedia p'ra mãe querida,
Que em casa tinha a soffrer;
E essa voz debelzinha,
Por tão poucos attendida,
Como uma nota sentida,
Ia aos pés de Deus morrer.

Depuz na fragil maosinha
A offerta destinada
A' virgem Mãe adorada,
Em culto de devoção;
Maria, archanjo celeste,
Não necessita de esmola;
Enchei do pobre a sacola,
Que tereis a salvação.

Maranhão, Agosto 1898.



MEU DESEJO

Quero ao Parnaso subir
Nas azas d'um cherubim,
Tambem quero presidir
Das musas no seu festim;
Quero d'Apollo na lyra
Uma canção dedilhar,
Pois se canto elle disfere,
Tambem eu quero cantar.

Como se fôra uma fada,
Quero vôar pelo espaço,
E como ella destinada
P'ra prender, n'um forte laço,
Cupido—o Deos traíçoeiro,
Que arma tanta cilada,
P'ra trazer o mundo inteiro
Co'a cabeça transtornada.

Quero ir ao Paraizo,
Depois de tel-o bem prezo,
De quem nos tira o juizo,
Jã tendo o mundo defezo:
Vou a sentença buscar
Para o menino malvado,
Pois só Deos póde julgar
Quem causa todo peccado.

V. Igarapé-Miry—E. Pará—Fevereiro 89.



DESPEDIDA

No tumulto do meu innocente filhinho,

Horam Fileto Azedo Mattos

Para longe de teus restos
Vai me separar a sorte,
Oh! Que dôr, que dôr intensa
Tão cruel quão fôra a morte!

Partir não quero, porem,
Sem te dar saudoso adeus,
Que fica nesta lembrança
Até ter os restos teus.

Adeus, meu filho! No Céu,
Junto ao throno do Senhor,
Pede que elle se apiade
Desta minha eterna dôr.

Recife, Dezembro 1884.



Ao dia vinte e trez de Abril

Dia funesto que recorda a data,
Que a sorte ingrata sem ter dó de mim,
Roubou-me a filha que adorei co'ancia,
Na tenra infancia, qual gentil jasmim.

Como a florzinha, de perfume santo,
Envolta em manto de rajada fria,
Assim anjinho enlaçou-te a sorte
Co'a crua morte neste triste dia!

E eu, que te amava, como se ama a vida,
Vi-te pendida, qual a flôr amena;
Travou-se a lucta entre ti e a morte,
Ella mais forte te ferio sem pena!

Mas na minh'alma, no Sacratio Santo,
Conservo o pranto que te vi chorar,
Quando em meus braços te fugio a vida,
Filha querida, p'ra não mais voltar!

Maranhão, 1887.



HORAM

Foi neste dia que vieste á terra
Onde inda erra quem te deu o ser;
Foi neste dia que, depois d'afflicta,
Eu tive a dita de te ver nascer.

Gentil criança, cherubim de amores,
Bem como as flores teu viver foi breve.
Quando partiste já contigo ia
«Toda alegria que minh'alma teve.»

Ha treze annos que debalde chora
Quem nesta hora te consagra um canto,
Ha treze annos que uma louca fita
A triste vista no celeste manto.

Maranhão, 27 Março 1897.



*Ao 10.º anniversario do passamento de minha adoraaa
filhinha,*

Philadelphia Azedo Mattos

Eu me lembro, meu Deos, foi neste dia
Que soffrendo da morte a agonia,
Minha filhinha vi !
E agora ainda meu ser se compadece,
E minh'alma de dôr inda estremece,
Lembrando o que perdi !

Inda tenho na mente retratado
Esse quadro, que tem despedaçado
O peito meu de dôr !
Custa crêr como um Deos bom e elemente,
Deixe que a morte roube cruelmente,
Da mãe tão-santo amor.

Maranhão, 23 de Abril de 1895.



A' morte de minha boa tia,

Joaquina Angelica R. d'Oliveira Valle

Morreste ! Minha tia, porque a morte
Não sabe respeitar inda o mais forte,
Nem quem falta aqui faz:
Tu que eras por todos tão querida,
Que entre teus parentes eras tida
Pelo anjo da paz !

Teu coração sensível molestou-se,
De soffrer tanta dôr elle finou-se,
Como a flor que definha:
Por todos que soffriam tu choravas,
E o pranto em teu seio abrigavas
Qual o filho a avesinha !

Tua alma generosa está no Céu,
Co'a fronte cingida pelo um véo
Subiste ao Paraizo: !
Fitaste o grande Deos em doce extase,
Nem da vida e a morte a grande phase
Mudou-te o bom sorriso !

Eu não posso esquecer-te, minha tia,
Meus olhos te pranteiam noite e dia !
Oh ! Que saudades sinto !
Recolhe este meu pranto tão sentido,
Meus ais irão soar ao teu ouvido,
E creê que te não mintô.

Maranhão, Abril 1898.



HORACE

Tres annos são terminados
Do teu cruel passamento,
Trez annos ! e eu não posso
Esquecer-te um só momento !

Ai ! Filho quantas saudades
Torturam meu coração !
Quantos suspiros te envio
Nas azas da viração !

Recbe-os, beija-os, affaga-os,
Como outr'ora me fazias,
Com meiguices que mostravam
Que bem cedo me fugias.

E fugiste, anjo celeste,
Voaste á etherea mansão !...
Pede ao Senhor se condoa
Do meu triste coração.

Maranhão, Julho 1886.



AO MEU PRESADO COMPADRE

ANTONIO ALBERTO

(Ausente).

Eu as festas te enviando,
Vou pedir-te, compadrinho,
D'Annos-bons o teu carinho,
Que me vais escasseando.

Como signal de lembrança
Envio-te o meu retrato;
Já está bem caricato,
Devo ao tempo essa mudança.

Só não muda o coração
Que dentro do peito vai !
Não é assim que se esvae
Uma sincera affeição.

Tu lerás no meu semblante
Tudo que a alma me invade;
Quando o soffrer é constante,
Envenena a mocidade.

Maranhão, Janeiro 99.



A' UM MENINO

MOTE

Nas covinhas do teu rosto,
Quero plantar dois craveiros.

GLOSA

Eu quero vêr-te risonho,
Sim, alegre, não tristonho,
Sem vislumbre de desgosto:
Se entreabes um sorriso,
Logo mil graças diviso
«Nas covinhas do teu rosto.»

São primores de belleza,
Que te deu a natureza,
Esses brincos feiticeros;
Das tuas faces mimosas,
Nessas covinhas formosas
«Quero plantar dois craveiros.»

Maranhão, Julho de 98.



A PEDIDO

Sem pae, sem mãe, sem abrigo,
Desprotegidos da sorte,
Como um barquinho sem norte,
Exposto ás furias do mar;
Assim no mundo ficamos,
Como o barco sobre as fragas,
Sugeito ás furias das vagas
Que só Deos póde acalmar.

Cedo, porém, encontramos,
Como o barco—porto santo:
Hoje não soffremos tanto,
Pois já temos protecção;
Por isso, unidos, devemos
Tecer uma e'rôa insonte
Para cingirmos a fronte
Do nosso tio—Assumpção.

Maranhão, Setembro 1887.

HELENA

São dois pharoes os teus olhos,
Que guiam uma embarcação;
Mesmo por entre os escolhos,
Vai ter ella ao coração.

E nesse porto d'amor,
—Do navegante os anhelos—,
Como se fôra uma flor
Presas ficam em teus cabellos.

Tua bocca—concha mimosa,—
Engaste fino de perolas
E teus labios côr de rosa
Recebem os beijos das cerulas...

Teu corpo—formosa ilha—
Só por flores habitada,
Cobre-o a rosea mantilha
D'uma tez avelludada.

Feliz será quem guiar-se
Pela luz d'esses teus olhos:
Não irá allucinar-se,
Mesmo por entre os escolhos.

Maranhão, Maio de 99.

Recitativo

A PEDIDO

Tu partes, meu primo, eu fico chorando,
Meu peito esmagando a dura saudade;
Eu vou em soluços dizer-te o que sinto...
Deveras, não minto, escuta a verdade:

Minh'alma era livre, eu era ditosa,
A sorte invejosa de tanta ventura
Tirou-me o soçego, só tenho um desejo:
E' se te não vejo—sou toda amargura.

Agora tu partes sem dó, sem piedade,
Nem uma saudade te faço sentir !
Que importa ! não posso reter este pranto,
Suffoca-me tanto por ver-te partir.

Maranhão, Maio 1897.

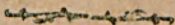
DESPEDIDA

*Ao meu presado primo, José J. Seguins d' Oliveira
e sua digna consorte.*

Ante a alegria e a tristeza
Que sinto neste momento,
O meu fraco pensamento
Bem se não pôde expressar;
Se alegria eu sinto n'alma,
Antevendo a f'licidade,
Sinto tambem a saudade,
Dos meus parentes deixar;

Desta casa pittoresca,
Deste lar encantador,
Onde a paz, doçura, amor,
Faz seu brilho realçar;
Eu parto, triste, saudosa,
Lævando no coração
A grata recordação
De tudo que vou deixar.

Engenho, Nova-Australia Abril 1888.
Baixo-Mearim, E. Maranhão.



A PEDIDO

Debalde quero esquecer-te,
Debalde quero fugir-te,
Meu coração não resiste,
Meus olhos desejam ver-te.

Quero arrancar do meu peito
Esta paixão que o devora,
Mas meu coração implora,
Pois a ella está affeito.

Se durmo, em sonho te vejo;
Se acordo, te vendo estou:
Não julgues que se acalmou
O meu ardente desejo.

Maranhão, Abril 1885.

Do fado os decretos seus
Surgem a nós a cada instante:
E' a lei do seu decreto
Que te faz andar errante.

Sê feliz nessas viagens
Que tanto allivio te dão
E te fazem supportar
Uma perfida ingratidão.

Fende os mares, sulca as aguas,
Vai habitar novos lares,
Que te dão grato conforto
E minoram teus pezares.

Mas não esqueças, te peço,
Aquem te tem amisade,
Gerada na tenra infancia
Pura, santa, sem maldade.

Maranhão, Dezembro 1887.

A' GUILY,

DIA DO SEU CASAMENTO

Essa alegria que mostras
Ao lado do esposo amado,
Que com carinho sagrado
Bem te soube captivar,
Seja eterna e venturosa
Por longos annos, querida,
Que o amor te enfeite a vida
Na senda que vaes trilhar.

Nesse teu ninho florido,
D'onde trescala perfumes,
Nunca a descrença, os ciumes,
N'elle venham penetrar;
Contente, feliz, te veja
Colher as ridentes flôres,
Matizadas de mil côres,
Fructos que amor faz brotar.

Maranhão, Agosto 1894.



Mote

Nada com Deos, nada, nada.

GLOSA

Oh ! Que blasphemia tamanha
Sou obrigada a escrever !
Mas agora que fazer ?
Tenho a palavra empenhada,

Hei de glosar este mote,
Muito embora por gracejo,
Dizendo que não desejo
«Nada com Deos, nada, nada.»

OUTRA

Quem com Deos nada deseja,
Nada tem a esperar,
Muito mal ha de acabar
Quem com Deos nada deseja;
É vedada a entrada seja
Lá da celeste morada,
A quem diz que não deseja
«Nada com Deos, nada, nada.»

Satanaz beijou-te a frente,
Já tua alma tem lograda...
E' por isso que não queres
«Nada com Deos, nada, nada.»

Eu por mim digo o contrario:
Deos será o meu escudo,
E juro querer p'ra sempre
Tudo com Deos, tudo, tudo.

Em noite de lua amena,
Dois amantes descuidados,
Em um barquinho assentados
Iam à vela desfraldada...
De repente, o mar cioso,
Leva o amante á torrente,
Porém o mancebo crente
«Nada com Deos, nada, nada.»

Maranhão, Abril 1896,



A PEDIDO

Se me amas, se me queres,
Se o que dizes é verdade,
Não deves reter o dia
Da nossa felicidade.

Se tudo quanto demonstras
Não passa d'uma illusão,
Porque é que assim maltratas
O meu pobre coração ?

A's vezes quando medito
Na vida alegre d'outr'ora,
Dos olhos meus corre o pranto
E minh'alma tambem chora.

Maranhão, Janeiro 1898.



A' MINHA QUERIDA PRIMA

Genoveva Hortencia Salles Caldeira d'Oliveira, Baroneza do Itapary.

Que posso dizer eu nestes meus versos
Para exaltar teus doçes e bondade,
Se quantos amizade te offerecem,
Bem conhecem a tua lealdade ?

Dizer que tens encantos e virtudes,
Que és meiga e delicada como a rosa,
Não causa pasmo a quantos apreciam
A' lhaneza de tua alma carinhosa,

Para que dizer eu que és caridosa,
Altiua, nobre, generosa e bella,
Se teu brilho na terra rivalisa
Com o brilho da mais viva e pura estrella ?!

Não julguem o que digo ser levada
Pela torpe ou vil adulação.
As almas, como a minha, não se humilham
A dizer o que não sente o coração.

Maranhão, Fevereiro 1896.



Despedida

A' minha comadre, Narciza B. de S. Duarte.

Dentro em pouco, cara amiga,
Nos havemos separar:
Se de ti levo saudades,
Saudades te vou deixar.

Quando no teu pensamento
De mim vier-te á lembrança
Com inteira confiança
Na minha firme amisade,
Recorda amiga querida,
Com verdadeira affeição,
Quem leva o seu coração
Cheio por ti de saudade.

C. Alemquer, Dezembro 1892.



Por minha filha *Ganèvri*,

Dia da festividade do seu collegio denominado

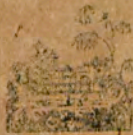
Sagração Geração de Maria.

Vinde, amaveis companheiras,
Qu' esta festa nos seduz,
E a nossa justa alegria
Pelos semblantes traduz.

Nossas boas directoras,
Que tão bem nos encaminham,
De nossas almas o jubilo
Seus corações advinham.

Assim, pois, vamos contentes
Pedir a Nosso Senhor
Que nos faça compensar
Esse maternal amor.

Maranhão, 1896.



*A pedido do Club Eutherpe, por
ocasião do carnaval.*

Vinde, bellas Maranhenses,
Vinde, nymphas pressurosas,
Atirar ao Club Eutherpe,
Lindas grinaldas de rosas;

Vinde, formosas crianças,
Com risos encantadores,
Desejar ao Club Eutherpe
Venturas nos seus amores;

Vinde, velhos, vinde velhas
Saudar co'enthusiasmo,
Os moços do Club Eutherpe,
Qu'onde passam causam pasmo.

Maranhão, Fevereiro 1895.



A' uma namoradeira.

Menina tola,
Namoradeira,
Só te requestam
Por brincadeira.

Quando te dizem
Que és adorada,
Crê, não duvides,
Ser caçoada.

Tua cabeça
Não tem miolo,
Casar contigo,
Só algum tolo !

E o que cair
Nessa esparrella
Fica burlado
Com tal *gazella*.

De nada vale
Ter-se belleza,
Antes ser feia,
Com mais firmeza.

C. Alemquer, Janeiro 93.

MOTE

Mesmo sendo desprezada,
Meu coração é só teu.

(Ext.)

GLOSA (A pedido).

Hei de amar-te com ternura,
Por ti embora olvidada,
Fazer-te crêr que te adoro,
«Mesmo sendo desprezada.»

Amei-te e ainda esse affecto
No meu peito não morreu;
Muito embora abandonado,
«Meu coração é só teu.»

Maranhão, Abril 1896.

NINIVE

Eu não posso lançar-te ao esquecimento:
Nasceste, nos meus braços te tomei,
Concheguei-te a meu seio e n'um momento
Affecto maternal te dediquei.

Emquanto eu viva fôr te abrigarei
Debaixo do meu tecto, no meu ninho,
Não tens paes, eu de mãe te servirei,
Como ella, dar-te-hei sempre carinho.

Parentes neste mundo não conheces;
Meus filhos são os unicos que te dei.
Este affecto, que tu não desconheces,
De minh'alma jámais affastarei.

Sê boa, sê fiel, sê respeitosa,
Sempre amante d'aquelles que te abrigam,
P'ra que sejas na terra venturosa
E todos que te vejam, te bemdigam.

Maranhão, Dezembro 1898.

IMITAÇÃO

Quando eu vejo uma menina
Com presumpção de bonita,
Que em todos os olhos fita
Com certo ar de desdem,
Se p'ra junto de mim vem,
Eu chamo-a logo formosa
E ella toda dengosa
Logo me chama seu bem.

E se vejo um moço feio,
Querendo ser engraçado,
Julgando-se namorado
Por toda e qualquer pequena,
D'elle tenho muita pena
E digo logo—coitado!
Tem o juizo toldado,
Por si proprio se condemna.

Se vejo uma quarentona
Adornada com rendinhas,
Toda cheia de fitinhas,
E flores de viva côr,
Digo logo—Céos, que horror!
Quem cairá na patota
De suppor que esta velhota
Póde em alguém nascer amor.

E se vejo um velho bobo,
Com a cabelleira pintada,
Tendo a barba bem rapada
P'ra disfarçar a velhice,
Digo logo que pieguice!
Oh! que velho enfatuado,
Merece ser castigado
Por causa da garridice.

A' estas justas censuras,
Quem não quizer sugeitar-se,
Não procure co' o disfarce
Occultar-nos a verdade;
Mas uns pensão muito tarde,
E outros pensar não têm:
Esses servem de desdem
Para toda humanidade.

C. Vigia, Agosto 1888. E. Pará.



A' Santo Antonio,

*Bordados nas pontas do laço d'uma palma que
offereci para o seu leilão.*

A venturosa donzella
Que esta palma arrematar,
Póde crêr que os passos d'ella
S. Antonio ha de guiar.

Será casada, ditosa,
Com moço rico e formoso,
Querida como uma rosa,
Dando-a ao Santo milagroso.

G. Alemquer, Junho 1890.



A' minha sobrinha Zézé,

Dia do seu casamento

Se triste foi tua infancia
Por ficares na orphandade,
Não te faltou caridade,
Nem jámais te viste a sós,
Pois dos regaços amigos
De parentes dedicados,
Passaste aos braços sagrados
Dos teus queridos avós;

Aquelles que te adoravam
Com amor que não se exprime
Por quem meu peito se opprime
Ao lembrar-lhes a memoria;
Aquelles que com ternura
Tantos annos te affagaram,
E só de ti se affastaram,
Por Deos chamados a gloria!

Inda assim ao desamparo
Tu não ficaste na terra,
Como uma barca que erra
Sem porto de salvação;
Encontraste mão amiga
De bom parente estremo,
Que mostra quão generoso
Tem no peito um coração !

Deos queira que o escolhido
Por ti para companheiro
Seja leal, verdadeiro,
Na jura que hoje te fez;
Que saiba supprir com honra
Tantos entes respeitados,
Que nunca por desagradados
Te faça corar a tez.

Maranhão, Setembro 1897.



AO MEU DEDICADO AMIGO

J. CASTRO

COMPRIMENTANDO-O NO DIA 1.º DO ANNO

Eu quero vos offertar,
Mas offertar com nobreza:
Pedi, pois, que vos darei
D'amisade a realeza.

Quem como vós é dotado
De tanta dignidade,
Bem merece ser tratado
Com carinho e amisade.

Não ha perola nem brilhante,
Que eu compare a um amigo,
Quando a amisade é constante
Em meu peito encontra abrigo.

Maranhão, 1899.

IMPROVISO

AO DISTINCTO ACADEMICO

DR. PAULO AMARAL

Honra ao merito e brillantismo
Do vosso heroico saber!
Prosegui, senhor, na senda
Que vos hade ennobrecer.

Maranhão, 1896.

A' MINHA QUERIDA PRIMA

IZABEL C. S. D'OLIVEIRA

Tu pedes, Bellica,
Com doce brandura,
Que eu cesse o meu pranto
Que te faz tristura.

Só vejo amisade
No teu terno canto!
Mas ah! eu não posso
Reter este pranto.

Não peças, priminha,
Que eu o suffoque,
Pois se não vertel-o,
Cauzara-me a morte.

Mas crê, eu te juro
Por Deos que nos guia,
Que morrer por elle
E' doce alegria!

Jurou-me amor puro,
Jurou-me firmeza,
De sua constancia
Eu tenho certeza,

Meus Paes não consentem
Na nessa união,
Por isso é que choro
Com tanta afflicção.

Maranhão, Janeiro 1871.



AH! NÃO SABES.

A' J. J. M. J.

Ah! Não sabes, José, quanto agravou-se
Este meu padecer,
Por ter na tua face divisado
As maguas do soffrer.

Ah! Não sabes que dor cruel, ingente,
Me punge o coração,
Inda mesmo prevendo que teus males
Tem curta duração.

Ah! Não sabes, José, quanto me custa
Estes dias passar,
E se a sorte, cruel tanto não fosse,
Te iria acompanhar.

Ao menos, José, resta um consolo
A quem te sabe amar:
E' contricta antes ás aras do Senhor
Por ti pedir, rogar.

Implorar-lhe qu'ao menos dos teus males
Me deixe partilhar,
Pois soffrendo tambem, quando tu soffres,
Já é menos penar.

Maranhão, Agosto 1862.



Despedida

A' J. J. M. J.

Adeus ! José, adeus ! Querido amante,
Um momento sequer de ti distante
Me causa tanta dôr !
Quanto mais ir viver tempos ausente,
Separada, quem sabe ! se p'ra sempre...
Oh ! Céu que horror !

Adeus ! José, adeus ! Ai ! sei que morro,
Vou partir para longe e sem soccorro...
Quanta dôr padeço !
Se ao lembrar-me que em breve vou deixar te,
Que viverei privada de fallar-te,
De susto desfalleço.

Adeus ! José, adeus ! A Deos eu peço
Que acredites em mim que não me esqueço
De ti, do juramento
Que te fiz de te amar, sempre constante,
De jámais olvidar-te um só instante
Meu firme pensamento.

Adeus ! José, adeus ! A tua querida
Nesta hora cruel da despedida,
Não tem consolação:
Já não pôde supportar tão grande lida,
Pois se aparta de ti quasi sem vida,
Deixando o coração.

Maranhão, Dezembro 1872.



DESALENTO

A' J. J. M. J.

Ai ! José quantas saudades
Torturam meu coração,
Como os dias tristes são
Que passo longe de ti.
Meu peito sempre offegante,
Na mente meu pensamento
Recorda o grato momento,
Que te amei quando te vi.

Se adormeço em sonhos vejo
O teu risonho semblante,
Que me prendeo n'um instante
Fazendo-me enloquecer !
Té qu'a mim propria esquecendo
Mil tormentos supportando,
Inda assim vivo te amando
E de amor quero morrer.

Ah ! José que me não trates
Com extranha indifferença,
Que do meu crime a sentença
Não venha de tua mão;
Que não pagues meus affectos
Com desprezo e tyrannia,
Que não sejas algum dia
Surdo aos echos da paixão !

Alto-Mearim, Janeiro 1873. E. Maranhão.



Desesperança

A' J. J. M. J.

Já descrida da sorte inexoravel,
Cançada de lutar,
Debalde buscarei achar ventura
No meu tristonho lar.

Trilhando por vereda tortuosa,
Libando fel por vinho,
Dando passos incertos, temerosa
Das urzes do caminho.

Afasta, pois, da senda esses abrolhos
E a negra escuridão;
Illumine-a o pharol desses teus olhos
De magico condão.

Como o nauta a sossobrar nas vagas,
Perdido n'amplidão;
Assim minh'alma, merencoria e triste,
Se esvae na solidão !

Oh ! Não condemnes ao cruel desterro
Meu pobre coração !
Tem dó ! tem piedade deste enfermo
Que implora a salvação.

Alto-Mearim, Março 1873. E. Maranhão.

QUEIXUMES

A. J. J. Mattos J.

Saudades como eu sinto,
Só tú sentes !...

Nesta triste solidão
Onde não vivo, vegeto,
Se desprendem do meu peito,
Tristes suspiros em vão.
No rosto o riso de então
Procura a dôr occultar,
Mas não pôde minorar
Tanta saudade e paixão.

Vão meus queixosos suspiros,
Dizer-lhe, sim, meu tormento
Que nunca meu pensamento
Olvidou os santos gosos,
Nem os momentos ditosos
Que junto d'elle passei;
Que jámais esquecerei
Esses dias venturosos.

Que do fado a dura lei
Cumprerei n'este degredo;
Amando sempre em segredo
Na solidão viverei.
E do amor que lhe jurei
Guardo d'elle a fé mais pura,
Que ainda na sepultura
Essa jura cumprerei.

Alto-Mearim, Outubro 1873. E. Maranhão.



A' J. J. M. J.

O trinar dos passarinhos
Aqui nesta solidão,
Em vez de dar-me alegria,
Traz-me dôr ao coração.

Quanto mais trinam,
Mais me entristeço,
Crueis angustias
Magoas padeço.

Nesses instantes
De agro penar,
Sinto em meu peito
Punhal cravar.

Meu coração
Sofre sem fim,
E a um meigo passaro
Eu digo assim:

Vai-te lindo passarinho,
Não quero ouvir teu cantar;
Sei que por me veres triste
Allivio me queres dar.

Como te enganas,
Meu caro bem,
Pois o teu canto
Ferir-me vem.

Não vês que o pranto
Me innunda o peito
Por me ver longe
De quem o tem sujeito ?

Assim te peço,
Cessa o cantar.

Que alegre embora
Faz-me chorar.

Tu que tens azas,
Meu passarinho,
'Traz'-me noticias
De Josézinho.

Ha já trez mezes
Que o cruel fado
Roubou-me aos olhos
O terno amado.

Desde esse instante,
Meu coração,
Gasto de dôr,
Suspira em vão.

Lá de tão longe,
Onde elle está,
Os meus suspiros
Não ouvirá.

Se és amado
E tens amor,
Pódes pezar
A minha dôr.

PASSARINHO

Quando eu era pequenino
Me alentava fraco amor:
Fui crescendo e em meu peito
Augmentou-se o seu vigor.

Mandou-me a sorte
Desnaturada,
Viver distante
Da minha amada.

Como tu choras,
Tambem chorei,
Da sorte minha
Me lastimei.

Quando queria
Desanimar,
Eis que findou-se
O meu penar,

Pois regressiei
Aos lares seus
E a estreitei
Nos braços meus.

Hoje já frúo
Vida ditosa,
Gosando affectos
De boa esposa.

Não desanimes,
Pois hades ter
Em breve tempo
Igual prazer.

Alto-Mearim, Dezembro 1872.



Recordando a infancia.

Ai ! como sinto a saudade
Dos bellos dias da infancia !
Quem nessa feliz idade
Teve firmeza e constancia ?
Sorrisos, beijos, caricia,
Eu dava a quem me pedia,
Não respiravam malícia,
Tudo emfim era poesia.

Quando se mostrava o dia,
Já me achava levantada,
Que a formosa madrugada
Tambem meus beijos pedia:
Acompanhava no canto
Os travessos passarinhos,
Ia bulir nos seus ninhos,
Achava nisso um encanto.

Quando a mamãe acordava,
Já não me achava no leito,
Mas na horta me encontrava
Com meu ramalhete feito.
Vinha pedir-lhe um beijinho:
Se commigo ella ralhava,
Dava-lhe o fresco raminho,
Ella terna me beijava.

Ia vêr mungir o gado,
Tomava na cuia leite,
Era esse o meu deleite,
Assim não sentia enfado:
Subia então ao pombal,
Corria os pombos dos ninhos,
E os tenros borrachinhos
Trazia-os no avental.

Tomava banho no lago,
Agrestes fructos colhia,
Achava um encanto mago
Na folhagem luzidia.
Correndo -atraz das ovelhas,
Voltava á casa, sorrindo,
Contente como as abelhas
Quando o zangão vão seguindo.

Beijava a minha mãesinha,
Abraçava meu irmão,
E se ouvia reprehensão,
Ficava socegadinha:
Mas isso pouco durava...
Quando a via prasenteira,
Como a gazella ligeira
Para o folguedo tornava.

Convidava meu irmão
A ir commigo á caçada,
Da arapuca que armada
De vespera ficava então:
Elle gostoso accetava,
O' que alegria, que saltos,
Iamos por entre os mattos
Ver se a caça lá se achava.

E se a pobre sururina
Tinha captiva ficado,
Triste era a sua sina,
Nunca mais viria o prado:
Fazia as nossas delicias
Essa bella prisioneira,
Morria só de caricias
Logo á semana primeira.

A' tarde, quando o sol posto,
Pelas campinas corria,
Se cançada me sentia
Nunca mostrava desgosto;

Tinha o rosto prazenteiro,
Cantava a todo momento,
Só me vinha ao pensamento
Tudo que é bello e fagueiro.

Quando o sino da fazenda
Tocava a Ave-Maria,
Lá na casa de vivenda
Toda a gente se movia.
Era o annuncio que a noite,
Com mysterioso encanto,
Da brisa trazendo o açoute,
Já desdobrava o seu manto.

Nunca resava de mais,
Nossa Senhora beijava,
Tomava a benção a meus Paes
E meus irmãos abraçava;
Depois o leito buscava
Contente, como o deixara,
Já escripto n'alma estava
Esse dia que findara.

Ai ! dias que não voltais !
Ai ! minha mãe adorada !
Lá na Celeste morada
Irão pairar estes ais:
Guarda tú, meu peito amigo,
A saudade do passado,
Que o pranto que hei derramado
Só em ti encontra abrigo.

Maranhão, Outubro de 1889.



IMPROVISO

• • •

Não dês ganho ao inimigo
Que te quer vêr torturado,
Com uma só palavra tua
Já o terias supplantado.

A inveja tem requintes
De refinada maldade,
No coração do invejoso
Não póde haver lealdade.

Maranhão, Outubro 1898.

~~~~~

A' Bycicleta do meu amigo,

Joca Martins

Porque tens tanta destreza,  
Tanta graça, tanto encanto,  
Offereço-te essa figa  
Que te livra de quebranto.

Pódera dar-t'a de ouro,  
Prata, azeviche, ou corral,  
Mas não teem tanta virtude,  
Não preservam tanto o mal.

Maranhão, Dezembro 1897.



## EDGARD

Tu quizeste, a sorte quiz.  
Não pude dizer-te não !  
Tu partiste, sê feliz !  
Levando o meu coração.

Te chamo, o echo te chama,  
Pergunto ao Céu onde estás ?  
A minh'alma te reclama,  
Só lhe respondem meus ais.

Meu Deos ! meu Deos, manda a morte,  
Eu desejo a sepultura,  
Já que a minha cruel sorte  
Me nega toda ventura.

Não ha dia nesta vida,  
Que eu não tenha uma afflicção,  
Já não supporta esta lida  
Meu enfermo coração.

Maranhão, Outubro 1899.





## EDGARD

Ai ! meu filho que tristeza  
Me acompanha noite e dia,  
Do rosto toda alegria  
Fugio-me n'um só momento,  
Tendo em ti o pensamento  
E na minh'alma a incerteza.

Para mim o sol não brilha,  
As manhãs não têm frescor,  
Da lua o mago esplendor  
Só me traz ao coração  
Magoa, tormento, afflicção,  
Como aos presos da Bastilha,

Ai ! meu filho eu quero vêr-te,  
Quero de novo abraçar-te,  
Busco-te por toda parte,  
Sem te poder encontrar...  
Não sei onde irei párar,  
Se esta dôr não commover-te.

Maranhão, Outubro 1899.



## Meu pensamento

*A' meu filho Edgard (ausente).*

Vôa ligeiro  
Meu pensamento,  
Vai n'um momento  
Onde elle está:  
Ou na cidade  
Ou lá na serra  
Onde elle erra  
E volta já.

Afina as cordas  
Da minha lyra,  
Geme e suspira  
Uma canção,  
Que acalme as dôres  
D'um peito triste,  
Que não resiste  
Tanta afflicção.

Vai outra vez,  
Segue-lhe os passos,  
Toma-lhe os braços,  
Cinge-me ao seio;  
Deixa que eu fique,  
Meu pensamento,  
Por algum tempo  
No doce enleio.

Esta saudade  
Tira-me a calma,  
Pois dentro d'alma  
Sinto a revolta..  
Assim não pâres,  
Meu viajante,

A todo instante,  
Vai lá e volta.

Maranhão, 31 Outubro 99.

---

---

## Edgard

Volta, volta, filho meu,  
Vem de novo me affagar,  
Que o affecto que é só meu  
A outrem não deves dar.

Vem beijar tua mãe querida,  
Que aqui morre de saudade;  
O' não lhe negues a vida.  
Della, por Deos, tem piedade !

Vem enxugar este pranto  
Vertido com tanta dôr;  
Quem nega este affecto santo,  
Não sabe o que é ter amor.

Oh ! que mais ternura queres  
D'aquella que deu-te o ser !  
Se ternura tu lhe deres,  
Cumprés um santo dever.

Vem, pois, meu filho adorado,  
Compensar esla ternura;  
Cumpre esse dever sagrado,  
Que Deos te dará ventura.

Aqui um peito suspira  
Sem achar consolação;  
Uma mente aqui delira,  
Aqui geme um coração.

Maranhão, 1 de Novembro de 1899.



*A' meu filho Edgard (ausente),*

**Mote**

Sem ti o viver me peza,  
Sem ti desejo morrer.

(Ext.)

**GLOSA**

Sem ti o mundo é deserto,  
Não me encanta a natureza,  
Desprezo toda grandeza:  
Não te tendo de mim perto,  
«Sem ti o viver me peza.»

Por não poder esquecer-te,  
Aqui vivo a padecer...  
Quero que finde o soffrer!  
Se nunca mais hei de vêr-te,  
«Sem ti desejo morrer.»

Maranhão, Novembro 99.



*Ao receber um telegramma de meu filho*

Edgard,

**annunciando-me o seu regresso.**

Exulta, peito meu, deixa a tristeza,  
Minh'alma já não sinto acabrunhada,  
Alegre vejo toda a natureza:  
E' meu filho que volta da jornada.

Meu coração se agita de contente,  
Minha mente delira d'alegria...  
Tão grande é o poder do Omnipotente,  
Quanto o amor sublime de Maria !

Ó meu pranto estancou-se, já não choro,  
Meus labios se entreabem, não deploro  
Os dias que passei em desagrado...

Vou abraçar meu filho, que ventura !  
Já ouço elle dizer-me com doçura:  
Minha mãe—eis aqui teu filho amado.

Maranhão, Novembro 99.



**AO GLORIOSO DIA**

*8 DE SETEMBRO*

O Céu se dilata,  
Os astros se beijam,  
As nuvens se abraçam,  
Os anjos festejam.

Nasceu neste dia  
A mãe do Senhor !  
Os peitos se inflamam  
Por ella, de amor.

A terra se acha  
De flores juncada,  
Com ellas brindemos  
Maria adorada.

Oh ! Mãe poderosa,  
Que as dôres acalma,  
Ouvi-nos às preces  
Partidas da alma.

Maranhão, 1898.





## Aos meus 42 annos

Risos não tenho para dar-vos hoje,  
Nem minh'alma expandir pôde alegria,  
A tristeza me invade, quando sinto  
A mocidade fugir-me dia á dia !

Quando das faces vejo a linda rosa  
Ir perdendo o frescor que então mostrava,  
Eu choro ás illusões que me sorriram,  
E da descrença cruel torno-me escrava !

Como posso sorrir, mostrar-me alegre,  
Soltar na lyra festival canção,  
Quando dos olhos meus fogem-me os brilhos  
E quasi que não sinto o coração !

Para longe o prazer ! Estou de luto,  
De luto pela minha mocidade,  
Que como a flôr mimosa vae murchando,  
Deixando no meu peito agra saudade.

Maranhão, 2 Junho 1897.



## Ao anniversario de minha dilecta filha

**A**urora radiante  
**A**fana vem saudar-te;  
**A**sgando as densas nuvens,  
**A**rchanjos vêm mirar-te.

**D**itosa a ti eu veja,  
**D**e sempre resplendente  
**D**e tua estrella seja.

**A**ssim como o passarinho  
**Z**eloso vigia o ninho,  
**Z**espreitando o caçador;  
**Z**efende-te do amôr,  
**O**' meu terno e casto anjinho.

**M**imososa, gentil criança,  
**A**môr traz prazer e dôr,  
**M**em receio, ó linda flôr,  
**M**tu és fragil açucena,  
**O** teu corpinho é tão breve,  
**S**acrificial-o faz pena.

C. Alemquer, 12 de Agosto 90.



*Ao meu estremoso filho,*

**Almir Antonio Azedo Mattos,**

DIA DE SEUS ANNOS

Nasceste; meu filho, na fronte elevada  
Já vinha estampada a tua bondade;  
Que hoje tu fazes a minha ventura,  
Gentil creatura, é pura verdade.

Sorriso innocente, nos labios mimosos,  
Rosados, sedosos, eu vi-te pairar;  
Minh'alma elevou-se até ao infinito !  
E creio que um grito me ouviram soltar.

Um grito de extase, de susto e de medo,  
Não é um segredo, eu posso dizer:  
Tomei-te nos braços, julguei que fugias,  
Porque me sorrias com tanto prazer !

Commigo ficaste, meu filho querido,  
Jámais ao olvido por ti fui lançada;  
Por isso eu bendigo o dia celeste  
Que ao mundo vieste, creança adorada.

Maranhão, 6 Agosto 1897.





*Ao meu estremecido filho,*

Edgard Azevedo Mattos,

DIA DE SEU NASCIMENTO

Como é bella a tua idade !  
Como é cheia de esperança !  
No céo tenho confiança  
Do teu brilhante porvir !  
Quem sabe amor exprimir  
A' quem lhe deu a existencia,  
Tambem ha de com eloquencia  
Em tudo se distinguir.

Dezesete primaveras  
Tu contas hoje, sorrindo,  
Inda só o amor pedindo  
A tua mãe carinhosa;  
De tuas faces a rosa  
Conserva o mesmo frescor  
Que tem uma linda flôr  
Em mão de virgem zelosa.

Teus dias passas contente,  
Afeito sempre ao trabalho,  
O grande, robusto galho  
Que te ha de sustentar,  
Para um dia te elevar  
A' altura que merece  
Quem sua mãe estremece,  
Quem sabe a Deus adorar.

Maranhão, 20 de Agosto de 1895.



*A' minha querida filha,*

*Isis Nolasco Azedo Mattos,*

DIA DO SEU NASCIMENTO

Branca açucena que se ostenta bella,  
Botão em flôr que o colibri namora,  
Lirio formoso trescalando odores,  
Anjo innocente que minh'alma adora;

Junco mimoso que se curva docil,  
Se o vento irado vem tocar-lhe a fronte,  
Rôla temente que levanta o vôo,  
Se longe avista o caçador no monte;

Flôr delicada que entreaberta ainda,  
Não foi sugada por voraz abelha,  
Arbusto novel inda não tocado  
Do fogo ousado da vivaz scentelha;

A estrella d'alva que nasceu contigo  
Na madrugada deste dia puro,  
Seja-te guia neste falso mundo,  
Dando-te a dita d'um porvir seguro.

Maranhão, 31 de Janeiro de 1897.



*A' minha estimada filha,*

## Ganêvri Izeu Azedo Mattos,

Lindo botão de rosa que entreaberto  
Aos beijos da manhã,  
Orgulhoso te ostentas co'os affagos  
Da brisa folgazã;

Avesinha mimosa que temente  
O primo vôo soltas,  
E mal o vento sopra-te a plumagem,  
Cheia de susto voltas !

Formoso rouxinol que abre o biquinho  
Para um trino soltar:  
Quem d'amor não se enleva e se extasia  
Ouvindo o teu cantar ? !

A's treze primaveras que hoje fazes,  
Tão bellas, tão louçães,  
São como tu, fragantes, innocentes,  
E das flores irmães.

Maranhão, 12 de Setembro de 1895.





*A' minha boa irmã*

## Thomasia A. d'Oliveira Azedo Costa

Não posso, minha irmã, quanto desejo  
Os teus annos saudar que tanto almejo  
Te sejam prolongados,  
Risonhos como a aurora feiticeira,  
Como os ramaes da linda trepadeira  
De flôres enlaçados,

Beijar-te n'este dia, que ventura !  
Que de prazer, ó meiga creatura,  
Para quem te estremece...  
Quão feliz eu me julgo nesta hora  
Em que vou enviar-te um doce embora  
E a Deos uma prece.

Oh ! Eu quero estreitar-te nos meus braços,  
Em longos e ternissimos abraços,  
Como a flôr á manhã !  
E' tão forte a cadeia que nos liga,  
Não podes duvidar que sou tu'amiga,  
Porque sou tua irmã !

Maranhão, 31 de Outubro de 1897.



*Ao meu presado compadre*

*Antonio Alberto da Silva (ausente)*

Afina, minha lyra, as cordas tuas,  
Não quero hoje chorar:  
Alegre, como outr'ora, do meu peito  
Um canto vou soltar.

Um canto vou soltar que bem demonstre  
De minh'alma a expansão,  
Os arroubos que fazem nesta hora  
Pulsar meu coração...

Pulsar meu coração que, sendo grato,  
Não pode enmudecer  
Neste dia, dos anjos festejado,  
Que um ente vio nascer.

Que um ente vio nascer para alegria  
De muitos inditozos,  
Que em seu seio acolhe e faz que gosem  
Momentos venturosos.

Esse ente que là na eternidade  
Já tem um logar certo,  
E neste grande dia veio ao mundo.  
Chama-se--Antonio Alberto.

Maranhão, 20 de Maio 1876



*Ao meu dedicado amigo,*

**J**usto é que neste dia  
**O**s vossos annos saude,  
**S**em ter na voz melodia  
**E**u cantarei no alaude.

**G**randes são os vossos dotes  
**O** vosso porte e altivez,  
**S**ais soberano que um rei,  
**E**u agora vos direi;  
**C**erei franca d' uma vez,

**D**e vossa alma a nobreza  
**E** qual da flôr a belleza,

**C**om esse franco sorriso  
**O**mim tendes captivado,  
**S**im, com esse doce agrado  
**E**tendes prezo um coração,  
**R**endido a vossa affeição  
**O**meu tendes de bom grado.

Maranhão, 28 de Maio 1897





*Ao meu estimado Compadre*

**Dr. Almir Parga Nina**

**DIA DE SEU ANNIVERSARIO NATALICIO**

Não venho com palavras estudadas  
Saudar o meu Compadre, neste dia:  
Apenas aqui digo em rudes versos  
Que me sinto apossada de alegria.

Bem quizera o meu fraco pensamento  
Expressar o que almejo, neste instante,  
Mas, como do lethargo o embriagado,  
Elle acorda e divaga vacillante.

Mesmo assim, neste dia festejado  
Por todos com tão grande animação,  
Eu ousou erguer-lhe um brinde que presinto  
Ser acceito por seu nobre coração.

Maranhão, 24 de Julho de 1895



*A meu presado tio*

## Ascanio Braulio d'Oliveira\*

Quero saudar, meu tio, os vossos annos,  
Mas como o poderei?  
Um ancião com flores não se enfeita,  
Da moda os atavios já regeita,  
Meu Deus, como o farei?

Um relógio d'ouro era decente,  
Mas onde o irei buscar?  
Se me falta o melhor, o desejado,  
Aquillo que é tão bom, tão procurado,  
Dinheiro p'ra o comprar!

Assim, como me chamam poetiza,  
Vou uns versos fazer.  
Já voltas estou dando á minha musa,  
Que se vai já tornando bem confusa...  
Mas o que hei de escrever?!

Ah! já sei, vou brindal-o com palavras  
De affecto verdadeiro.  
Vou desejar-lhe dias venturosos,  
Boa saude á par de muitos gosos,  
E bastante dinheiro.

Maranhão, 9 de Dezembro de 1898



*Zézé*

Procurei no vergel da linda Flora  
Uma flôr que a ti se assemelhasse:  
Vi rosas de mil cores esmaltadas,  
Porem não offuscaram teu realce.

Tua graça, teu sorriso, teus olhares,  
Que o bardo faz na lyra suspirar,  
Teu talho, teu perfil e gentilesa,  
Não pódem as pobres flores imitar.

Ao vêr-te neste dia resplendente,  
Em que ao mundo vieste descuidada,  
No teu rosto depuz um brando osculo  
E hoje te offereço uma grinalda.

Maranhão, 13 de Junho de 1895





*Á minha sobrinha*

## Nhazinha Bessa

Um anno de existencia, ó doce idade,  
Que resplandesce aos beijos da innocencia,  
Das flores respirando a grata essencia,  
Que dá vida aq' sorrir da mocidade.

Quadra feliz em que brincas, criança,  
Co'a primavera em terno desafio;  
Sem temer esta que lhe venha o estio  
E aquella toda amor, toda bonança !

.....  
Que poesia encerra a prima phrase  
Do infante gentil que a mãe em extase  
Entre sorrisos beija e acaricia !

Só ella esse poema comprehende,  
Só uma mãe essa linguagem entende  
Quando o filho o seu nome balbucia.

Maranhão, 14 de Julho de 1898



*Á meu presado Compadre*

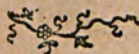
*Dr. Almir*

Se eu possuísse uma lyra  
Que sons divinos tivesse,  
E mil hymnos eu podesse  
Er guer hoje, n'este dia,  
Eu pressurosa saudar-vos  
Como feliz não viria!

Quem sabe dar lenitivo  
A's dores e ao soffrimento  
Do pobre, e levar-lhe alento  
Com toda abnegação,  
É que á sciencia reúne  
Os dotes do coração.

Não tenho da lyra os cantos  
Para saudar neste dia  
A alvorada que annuncia  
Vosso feliz nascimento,  
Apenas mostrar-vos venho  
Meu justo contentamento.

Maranhão, 24 de Julho de 99



*A' minha bôa tia*

*J. A. R. d'O. V.*

Pedi á minha pobre lyra um canto  
Alegre como canta o rouxinol,  
Cheio de viva luz como a do sol  
Quando rasgando vem o denso manto;

Inspiração pedi á minha musa,  
Para em versos saudar o grande dia  
Feliz que vio nascer a minha tia,  
Mas ella de soffrer está confusa.

De minha musa choro a confusão,  
Renuncio da lyra o canto triste:  
Pois no meu peito um coração existe  
Que este dia saúda com effusão.

Maranhão, 24 de Novembro de 1894.





# Aura,

*por ser hoje o dia de teus annos.*

A branda aragem que traduz teu nome,  
Meiga, risonha, oscular-te vem;  
E eu, que te amo como a propria vida,  
Venho, querida, te beijar tambem.

Grupo formoso de mimosas flores,  
Cheio de encantos, enlaçar-te vem;  
E eu, que me orgulho por te ver florida,  
Venho, querida, te abraçar tambem.

Deos te proteja, minha terna filha,  
Bemdito archanjo que me adoça a vida;  
Tu me acompanhas carinhosa, amante,  
Sempre constante na constante lida.

Maranhão, 12 de Agosto de 1897.



## ALMIR

Sinto alegre minh'alma neste dia  
Por contares mais um anno de existencia:  
Quem como eu, tiver os teus carinhos,  
Louvores deve dar á Providencia.

Que os annos te succedam venturosos,  
São os votos que faço ao Creador;  
Pois um filho, como tu, tão extremoso,  
E' digno do mais puro e santo amor.

Maranhão, 6 de Agosto de 1896.

---

---

## EDGARD

Hoje o Cêo tem mais encantos,  
A terra mais poesia,  
E a passarada seus cantos  
Solta com mais alegria.

Ouve-se cantos divinos,  
Tudo de gallas se veste,  
Os numes entoam hymnos,  
Tudo porque tu nasceste !

E eu, filho, ó meu amor,  
Pela suprema bondade,  
Ergo uma prece ao Senhor  
Pela tua f'licidade.

Maranhão, 20 de Agosto de 1897.



*Ao meu dedicado amigo e compadre*

Antonio Alberto da Silva (ausente).

Este coração enfermo  
Que guardo dentro do peito,  
Ergue-se hoje do leito  
Para teus annos saudar,  
Bem longe estás, mas que importa,  
Lá irá ter o meu canto,  
Vai orvalhado do pranto  
Que a saudade faz brotar.

Seria crime olvidar-te  
Neste dia, meu amigo,  
Tu que tens ao teu abrigo  
Meu filho qual fôra teu;  
Tu que no peito te pulsa  
Um coração rico e nobre,  
Que não duvida do pobre,  
Que te estima como eu.

Maranhão, 20 de Maio de 1897.





*Ao meu leal amigo,*

**José-Gomes de Castro,**

**DIA DE SEUS ANNOS**

Reuni as pobres flores  
Que cultivo dentro d'alma;  
Dellas formei uma palma  
Para hoje te offertar.  
São pallidas, o seu perfume  
Já não é embriagante,  
Não são d'um seio de amante  
Qu'amor te possam inspirar.

Recebe-as, porém, e guarda-as  
Bem junto do coração,  
Que me dedica affeição  
Pura, leal, verdadeira.  
Qu'eu veja a luzente estrella,  
Que acompanha aos venturosos,  
Conduzir-te a um mar de gosos,  
Que te adoquem a vida inteira.

Maranhão, 28 de Maio de 1898.



*A' meu carinhoso compadre*

*Dr. Almir Parga Nina*

E' fraca minha voz, mas vou erguel-a,  
Embora sem cadencia e harmonia;  
Não posso tel-a queda neste dia,  
Nada ha que me faça hoje contel-a.

Quem falla não sou eu, é um coração,  
Que grato vem saudar o nascimento;  
De quem da dôr mittiga o soffrimento  
Qu'a alma nos innunda de afflicção.

Eu brindo a quem nos traz consolação,  
Quando temos o peito angustiado;  
Brindo a quem de virtudes é corôado,  
Quem no Céu ha de ter collocação.

Maranhão, 24 de Julho de 1897.



## HORTENCIA

Que posso off'recer-te, brindando-te os annos,  
Saudando este dia de tanta magia ?  
Nem mesmo estes versos, tão pobres de phrases,  
Não pódem provar-te que sinto alegria.

Se a pobre que vive da sorte opprimida,  
Tivesse fortuna, pódesse brilhar,  
Não era de certo com versos mesquinhos  
Qu'o teu natalicio viria brindar.

Mas já que não tenho sequer uma rosa  
Qu'a mim só pertença, que possa tocar,  
Acceita estes versos; são pobres: mal sabes  
Que valem thezouros p'ra quem te os vem dar.

Desejo que os annos que fazes ditosos  
A par de mil gosos do esposo querido,  
Como este mais annos te sejam floridos  
E nunca por elle lançados ao olvido.

Desejo que os fructos de tua alliança,  
Agora crianças, mais tarde crescidos,  
Te cubram de glorias, de viva esperança,  
Que nunca lamentos teus filhos queridos.

Baixo-mearim, 21 de Fevereiro de 1888 E. Maranhão.





## NENEM

O sol reluzente, a nuvem azulada,  
A flôr namorada, tão branda, tão bella,  
Não pódem encerrar a graça e poesia,  
Danosa magia que tem a donzella.

Os mil attractivos da lua de prata  
Qu'a terra esmalta, enchendo de luz,  
Não pódem offuscar, com sua grandeza,  
Da virgem a pureza que encanta e seduz.

Assim, neste dia, eu venho contente,  
Saudar docemente á casta donzella  
Que inda conserva brilhante, formosa,  
Na fronte mimosa—a branca capella.

Maranhão, 4 de Outúbro de 1896.



*A' minha presada prima e dedicada amiga,*

## Bãroneza do Itapary

### DIA DE SEUS ANNOS

Lembras-te, Hortencia, que ha seis annos,  
Neste faustoso dia,  
Só tive para dar-te rudes versos  
Sem cadente harmonia ?

Corri terras em busca de fortuna  
E nada adquiri...  
Perdi minha saude e quasi a vida,  
Meu esposo perdi.

Quem vai ás cachoeiras do Pará,  
Bem póde enriquecer;  
Pois lá estive eu e nada tenho  
Que te possa off'recer.

Andei no Tocantins, no Tapajós,  
Vi o vasto Amazonas...  
Banhei-me em suas aguas caudalosas,  
Contemplei suas zonas;

Passoi por essas mattas, onde brilha  
A baunilha odorada;  
Do castanheiro, á sombra, muitas vezes  
Estive reclinada;

Vi tribus de selvagens que se pintam  
Co'a tinta de urucú,  
E guerreiros pelejam, sem receio,  
Mostrando o peito nú;

Vi em fragil barquinho indio forte,  
Pescar pyrarucú;  
Perfumei muitas vezes meus cabellos  
Com o bello cumarú;

Vi a pesca de grandes tartarugas,  
Vi tracajás zelosos,  
Seus ovos pelas praias occultando  
Nos montes arenozos;

Da seringueira o liquido precioso  
Extrahir tambem vi;  
Do cacáual frondoso, admirada,  
Rudes fructos colhi;

Vi minas, vi cascatas, vi montanhas,  
Vi rios caudalosos,  
Vi praias de alvissimas areias,  
Vi campos magestosos;

E assim, habitando entre riquezas,  
Nada pude obter!  
E' que Deos não permite a certos entes  
O dom de enriquecer!

Maranhão, 21 de Fevereiro de 94.





*Por minha filha Ganévri a seu dilecto padrinho*

**DR. AEMIR,**

**pelo seu anniversario natalicio.**

Neste dia festejado  
Por todos com expansão,  
Eu saúdo meu Padrinho  
Com as flores do coração.

Essas flores que amisade  
Fez a minh'alma brotar,  
São pobres, mas orgulhosa  
Venho a seus pés espalhar.

Desejo que mil venturas  
Acompanhem sua idade;  
Que esta seja prolongada  
Quanto é minha amisade.

Maranhão, 24 de Julho de 1896.



Ao meu dedicado amigo,

*José Gomes de Castro,*

—DIA DE SEUS ANOS.—

Qu'este celebrado dia,  
Que traz prazer e alegria  
Ao vosso festivo lar,  
Seja sempre venturoso,  
Com annos ebrio de goso,  
Feliz o veja passar.

Se eu possuísse um thezouro  
Que mil riquezas tivesse,  
Aos pés viria depol-o  
De quem muito mais merece.

Mas em falta do thezouro,  
Minha pobre e fraca lyra,  
Para saudar-vos, mancebo,  
Alegre canto desfira.

Maranhão, 28 de Maio de 98.



*A' minha amiga.*

**D. Malvina Nunes,**

DIA DE SEUS ANNOS

De vossa voz a harmonia estranha,  
O terno agrado me calou no peito,  
E desse enleio que o coração me prende,  
A sympathia germinou o affecto.

Falta a meus versos eloquentes phrases,  
Que neste dia enaltecer-vos venham;  
Rimas singelas expressar não pôdem  
Quanto os affectos a dizer se empenham...

Nada carece quem possue thezouros,  
Nada carece quem virtudes tem;  
Assim, os preitos que vos rendem hoje,  
Talvez, quem sabe ! perturbár-vos vem.

De vosso esposo sois o enlevo d'alma,  
De vossos filhos sois a vida e encantos...  
Para saudar-vos neste excelso dia,  
Basta o perfume de seus beijos santos.

Maranhão, 12 de Novembro de 1896.





## HORTENCIA

Brilha a luz no firmamento,  
Os anjos brincam no ar,  
Rosea nuvem engrinaldar  
Vejo o azul do puro Céu;  
E, envolto em fino véo,  
Um formoso cherubim  
Vem trazer lindo rubim  
A' criança que nasceu.

Se o Céu se mostra contente,  
Saudemos, pois, com ternura  
A ditosa creatura  
Que o archanjo do Senhor  
Vem trazer-lhe em penhor  
Um rubim da e'roa santa,  
Qu'os nossos olhos encanta  
Com tamanho resplendor.

Maranhão, 21 de Fevereiro de 1895.



## *A' pedido*

Quiz de flores odoríferas  
Tecer ingente capella  
Para o dia de teus annos  
Ornarem-te a fronte bella.

Fui a todos os jardins,  
Nem uma flor encontrei;  
Corri campinas e prados,  
Boninas não alcancei.

Ah ! Já sei porque as fiores  
Fizeram tamanha ausencia:  
E' que foram offerecer-te  
Do calix a pura essencia.

Eu tambem, querida amiga,  
Quizera hoje brindar-te,  
Beijar-te a mimosa face  
E com ternura abraçar-te.

Mas como longa distancia  
Põe ao desejo embaraço,  
Teus braços abre d'ahi  
Qu'eu aqui abraço o espaço.

Maranhão, Setembro 1896.



*Por minha filha*

# Ganêvri,

A UMA SUA AMIGA

Eu saúdo a distincta collega  
Que o diploma hoje vai receber;  
Quem ao livro co'affinco se apegá,  
Provas dá que deseja saber.

Que estes louros colhidos do estudo,  
Qu'ora vejo tua fronte enfeitar,  
Neste mundo te sirvam de escudo  
Para as lutas da vida enfrentar.

Maranhão, 1898.





VENIAS

## Recordação e saudade

A vinte sete de março  
O sol raiava: eu soffria;  
E quando elle mais brilhava  
Viste, Horam, a luz do dia.

Oh ! Quão feliz me julgava  
Dando graças ao Senhor,  
Pois em troca de mil dôres  
Tu me vieste em penhor.

Quanto te amei terno anjinho,  
Com desvairada paixão !  
Tu dava-me alento á vida  
E prazer ao coração.

Dois annos de mil venturas,  
Dois annos de f'licidade;  
Desse tempo só me resta  
Pungente e viva saudade.

Neste venturoso dia  
De triste recordação,  
Só posso off'recer-te flores,  
Filhinho do coração.

De brandos alvos suspiros,  
Linda c'róa vou depor  
Sobre teu tum'lo adorado  
Em signal do meu amor.

Recife, Março 1884.



## PHILADELPHIA

De tua saudosa imagem,  
Do teu horrivel penar,  
Eu guardo viva lembrança,  
Só póde a morte apagar.

Ah! Minha terna filhinha,  
De lá do Céu onde estás,  
Ouvirás os meus suspiros,  
Meus soluços e meus ais.

Maranhão, Abril 1886.



## IMPROVISO

*Junto ao tumulo do meu adorado filhinho, Horam  
Fileto Azedo Mattos.*

Hoje, neste dia, nos meus braços,  
Filho meu, tu deixaste de viver;  
A alma te entreguei, seguiu teus passos,  
Meu corpo aqui ficou a padecer.

Maranhão, 7 Junho de 94.





## DESPEDIDA

*Sobre a sepultura do meu inditoso esposo Dr. José João de Mattos Junior, fallecido na Villa de Vizeu (E. Pará) onde exercia o cargo de magistrado.*

Aqui nesta sepultura,  
Onde teu corpo repouza,  
Fica o pranto amargurado  
De tua infeliz esposa.

E aqui, na tosca cruz,  
Neste singelo madeiro,  
Eu gravo o beijo da jura  
D'amor puro e verdadeiro.

Parto levando teu nome  
No afflicto coração,  
E constante a Deos imploro  
Para ti a salvação.

Que aqui volte, pede a Deos,  
Para teus restos levar,  
Qu'aos de teus queridos filhos  
Com ternura hei-de juntar.

Vizeu, Dezembro de 1893.



## Ao receber a infausta noticia

*do passamento de minha carinhosa mãe, D. Anna F.  
d'Oliveira Azedo.*

Minha mãe, oh ! minha mãe !  
Meu primeiro e santo amor,  
Para mim foste na vida  
Qual o anjo do Senhor.

Eras a doce alegria  
Que meu ser reanimava;  
Quando contigo fallava  
O meu peito se expandia,  
Pois em ti eu descobria  
Virtudes desconhecidas,  
Que não serão esquecidas  
Por quem tanto te queria.

Inda parece que sinto  
Teu beijo de despedida,  
Quando disseste sentida:  
Filha, adeus, eu soffro tanto !...  
De tua voz o encanto  
Ficou-me no coração,  
E essa recordação  
Vem augmentar o meu pranto.

E' que eu advinhava  
Ser essa a ultima vez,  
Que beijava a tua tez,  
Quando meu rosto beijavas.  
Oh ! tu me acariciavas  
Com a doçura dos Céos  
E só comprehendia Deos  
Porque assim me fallavas.

Maranhão, Abril de 1888.

*A' morte de meu idolatrado pae*

## Manoel José Alves Azedo

Quem ler estes meus versos arrancados  
De minh'alma sentida,  
Não póde duvidar que no meu peito  
Abriu-se uma ferida !

Abriu-se uma ferida tão profunda,  
Tão grande; tão dorida,  
Que em troca, de bom grado, eu daria  
A minha propria vida.

A minha propria vida o qu'ella vale,  
Comparando-a co'a dôr ?  
Da perda de meu Pae, meu terno amigo,  
Que me deu tanto amor !

Que me deu tanto amor, tanta doçura,  
Co'affagos de mel,  
Que hoje para sempre são trocados  
Por tão amargo fel !

Por tão amargo fel, que das entranhas  
Me vem do labio á flôr !  
Que resequido sinto pel'a febre  
De tão pungente dôr !

De tão pungente dôr, que ninguem ousa,  
De certo duvidar.  
Quem sente o coração pulsar no peito,  
Commigo ha-de chorar.

Maranhão, Junho 1895.





# HORAM

Assim como a flôr mimosa,  
Foi-te a vida passageira,  
Como um sonho foi ligeira  
Tua existencia real;  
Mas da minha triste mente,  
Do meu constante pensar,  
Só póde a morte apagar  
A tua imagem ideal.

Ai! Quanto peno, filhinho,  
Se recordo o teu soffrer,  
Antes quizera morrer  
Que relembrar teus carinhos,  
Ah! Anjinho pede a Deos  
Tenha de mim piedade,  
Que não leve em curta idade  
Teus saudosos irmãosinhos.

Recife, Junho 1884.



## PHILADELPHIA

Como o candido jasmim  
Ao despontar d'alvorada,  
Assim, ó filha adorada,  
Tu sorrias para mim !

Viveste como a florzinha  
Sendo por todos querida,  
De tua mãe eras vida  
Idolatrada filhinha !

E como a flôr tu morreste,  
Mas vives na eternidade !  
Lá irá ter a saudade  
De quem não póde esquecer-te.

Maranhão, Maio 1890.



**Ao 1.º anniversario do prematuro passamento  
de meu chorado esposo.**

A esta hora, meu adorado esposo,  
Da existencia perdendo todo goso  
Tua infeliz consorte,  
Um beijo foi depôr de despedida  
Na fronte tua pallida, sem vida,  
Gelada pela morte.

Tão moço ! Inda em meio do caminho  
Teus filhinhos deixaste no meu ninho,  
Sem pae, na orphandade;  
Mas não podias te roubar á sorte,  
Que escripta já estava a tua morte  
No livro da verdade.

Em que valera a ti tanto estudar ? !  
Para honroso pergaminho alcançar,  
De nada te importaste:  
Teus parentes, teus bens, a tua terra,  
P'ra com estudos travares forte guerra,  
Deixaste, abandonaste.

Esperançado sempre no porvir,  
Quando a sorte parecia te sorrir,  
Após tanto lutar,  
Veio a parca cruel ceifar-te a vida,  
Ficando tua esposa estremeçada  
No mundo a divagar.

Mas na lucta colheste muitos louros,  
Sendo esses os unicos thezouros  
Que alfim tu alcançaste;  
Assim, meu caro amigo, não lamento,  
Se por ventura passo algum tormento  
Porque nada deixaste.

Maranhão, Novembro 1894.



*Ao receber a noticia da prematura morte de meu  
querido irmão,*

## Dr. Amancio Alves d'Oliveira Azedo

Porque morreste, vulto de sciencias,  
Levando o teu saber !  
Os sabios, como tu oh ! não deviam,  
Não deviam morrer !

Desde a infancia que a luz do teu talento  
Se vio resplandecer.  
Os sabios como tu oh ! não deviam,  
Não deviam morrer !

Os que te conheceram e apreciaram,  
Commigo hão de dizer:  
Os sabios como tu oh ! não deviam,  
Não deviam morrer !

Recife, Fevereiro 1883.



*A' prematura morte do meu idolatrado irmão.*

*Alvaro Alves d'Oliveira Azedo*

Quando o formoso sol lá no horizonte  
Seu intenso brilhar ia escondendo,  
Eu te vi sobre o leito debruçado,  
A sorrir, mil tormentos padecendo.

Quando a esperança no teu peito joven  
Se alentava d'amor constante e puro,  
Tropeçaste na pedra do sepulchro,  
Triste, medonho, regelado, escuro.

Vinte trez primaveras tu contavas  
Quando a parca fatal tirou-te a vida,  
Ficando neste mundo, inconsolavel,  
Banhada em prantos, tua irmã querida.

Maranhão, Março 1875.



## *A' saudosa memoria de meus filhos*

Fui em sonho ao Paraizo,  
E vi n'um throno dourado,  
Um ancião assentado,  
Fallando p'ra multidão,  
Que alegre e pressurosa,  
Curvando-se respeitosa,  
Lhe beijava a eburnea mão.

Roupagens da côr da neve  
Seu corpo todo cobria,  
E em seus olhos refulgia  
Do sol o mago esplendor !  
Sorrisos ternos, divinos,  
Nos seus labios purpurinos  
Brilhavam cheios de amor !

Fui de joelhos prostar-me  
Ante o Velho que adoravam,  
A'quelle que Deos chamavam,  
Humilde benção pedi.  
E junto aos seus pés divinos  
Contentes cantando hymnos  
Meus filhinhos tambem vi.

.....

Despertei, mas não chorando,  
Como sempre succedia,  
Quando em sonhos eu os via  
Depois que foram p'ra os Céos;  
Já vivo mais consolada  
Por ter na etherea morada  
Meus filhos aos pés de Deos.

Maranhão, 27 de Março de 1899.





## A' pedido

*No sepulchro de A. Jacques Raposo Braga.*

Aqui, onde repousam os restos teus,  
Uma saudade eu venho desfolhar;  
Acceita-a: foi brotada de minh'alma,  
Com meu pranto regada a suspirar.

Assim, pois, no meu peito cultivada,  
Entre affagos cresceu a flôr querida  
Que fôra destinada a dar um dia  
A ti, a quem amei, qual mãe na vida.

Maranhão, Fevereiro de 1895.



*No tumulo do futuro sogro do meu amigo*

**João H. M. F.**

Aqui repousam os restos d'um amigo,  
D'um pae que choram os filhos desolados;  
E tu, Senhor ! dos olhos macerados  
O pranto enxuga com teu doce abrigo.

Sim ! que a Deos nos cabe obedecer  
A's regias leis de sua omnipotencia;  
Curvar-nos com amor e paciencia  
A quem tudo nos deu desde o nascer.

Dizer... mas para que ? Oh ! Tu bem vês  
O pranto que nos rola pela tez  
No transporte da dôr, na despedida

D'aquelle a quem amamos com ternura,  
Que nos deixa p'ra alem da sepultura  
Ir no Céu encetar uma outra vida.

Maranhão, Novembro de 1897.



## ULTIMO CANTO

Não posso mais cantar, partio-se a lyra  
Aos golpes bem cruéis de atroz soffrer !  
Porem, para minn'alma ainda respira  
Para amar-te, mei Deos, até morrer.

As falsas illusões da mocidade,  
Como as nuvens depressa se desfazem,  
Mas as crenças que emanam da verdade  
Doce aroma á noss'alma sempre trazem.

O pouco que me resta desta vida  
Consagro aos filhos meus que adoro tanto,  
Sou feliz porque delles sou querida:  
Elles mudam-me em riso o triste pranto.

Maranhão, Outubro 1898.





# Índice

|                                  |                                      |                           |                                         |
|----------------------------------|--------------------------------------|---------------------------|-----------------------------------------|
| Ao despontar                     | 12                                   | A' Pedido                 | 34, 61, 91, 93, 97, 100, 155            |
| A' Agostinho Reis                | 22, 84                               | A' Santo Antonio          | 104                                     |
| A' alguém                        | 28                                   | A' Ti                     | 20                                      |
| Amor (0)                         | 47                                   | A' Thomazia A. Costa      | 133                                     |
| Ante o retrato de D. Pedro       | 49                                   | A' uma actriz             | 61                                      |
| A' Antonio Alberto da Silva      | 20, 29, 43, 50, 65, 86, 89, 134, 144 | A' um menino              | 90                                      |
| A' Alcides R. Pereira (Dr.)      | 56                                   | A' uma namorada           | 100                                     |
| A' Almir P. Neves                | 58                                   | Contraste                 | 68                                      |
| A' Aura,                         | 72 a 77, 128, 142                    | Deus !                    | 7                                       |
| A' Antonio R. Carvalho           | 80                                   | Despedida                 | 17, 29, 65, 69, 72, 93, 98              |
| A' Almir Azedo Mattos            | 129, 143                             | Devaneio                  | 31                                      |
| A' Almir P. Nina (Dr.)           | 136, 140, 146, 151                   | Hymno a N. Senhora        | 5                                       |
| A' Ascanio B. d'Oliveira         | 137                                  | Helena                    | 91                                      |
| A' Bicycleta de J. Martins       | 119                                  | Improvisio                | 85, 106, 119                            |
| A' Coelho Netto                  | 21, 36                               | Imitação                  | 102                                     |
| A' Casemiro d'Abreu              | 54                                   | Meus versos               | 8                                       |
| A' Caridade                      | 66                                   | Minha terra               | 10                                      |
| Ao Club Delicias do Tempo        | 71                                   | Motes                     | 24, 39, 44, 48, 52, 56, 60, 70, 95, 101 |
| A' Cofinha                       | 81                                   | Meu desejo                | 88                                      |
| A' D. L. Porto                   | 59                                   | Negro mocho               | 35                                      |
| A' Edgard Mattos                 | 120 a 125, 130, 143                  | Num album                 | 48, 63                                  |
| A' Goncalves Dias                | 53                                   | Na igreja                 | 87                                      |
| A' Ganevri I. Mattos             | 62, 132                              | Ninive                    | 102                                     |
| A' Guily                         | 95                                   | Nenem                     | 148                                     |
| A' G. Hortencia S. C. d'Oliveira | 97, 147, 149, 154                    | Nenas                     |                                         |
| Ao glorioso dia 8 de Setembro    | 126                                  | A' minha mãe              | 162                                     |
| A' Izabel C. S. d'Oliveira       | 107                                  | A' meu pae                | 163                                     |
| A' Isis N. Azedo Mattos          | 131                                  | A' José J. Mattos Junior  | 166                                     |
| A' J. G. Castro                  | 20, 83, 106, 135, 140, 152           | Ao Dr. Amancio Azedo      | 167                                     |
| A' João H. Martins Filho         | 45, 79                               | Ao dia 23 de abril        | 170                                     |
| A' J. J. Mattos Junior           | 105 a 113                            | A' Alvaro Azedo           | 168                                     |
| A' J. A. R. d'O. V.              | 141                                  | A' Joaquina Valle         | 173                                     |
| A' Leslie N. Tavaes              | 23, 27                               | A' memoria de meus filhos | 175                                     |
| A' meus filhos                   | 17                                   | A' pedido                 | 176                                     |
| A' Miguel Marques                | 30                                   | Despedida                 | 161, 169                                |
| A' Marianinha Neves              | 64                                   | Horam                     | 164, 171, 174                           |
| A' minha sobrinha Zézé           | 104, 138                             | Improvisio                | 160                                     |
| Aos meus 42 annos                | 127                                  | No tumulo do futuro sogro | 177                                     |
| A' Malvina Nunes                 | 153                                  | Philadelphía              | 160, 165, 172                           |
| A' Nhazinha Bessa                | 139                                  | Recordação e saudade      | 159                                     |
| A' Primavera                     | 13                                   | O pão de cada dia         | 37                                      |
| A' Pernambuco                    | 15                                   | O que fui, hoje não sou   | 41                                      |
| A' Parahyba do Norte             | 16                                   | Pesadelo                  | 12                                      |
|                                  |                                      | Pará                      | 14                                      |
|                                  |                                      | Presentimento             | 67                                      |
|                                  |                                      | Por minha filha           | 99, 156                                 |